

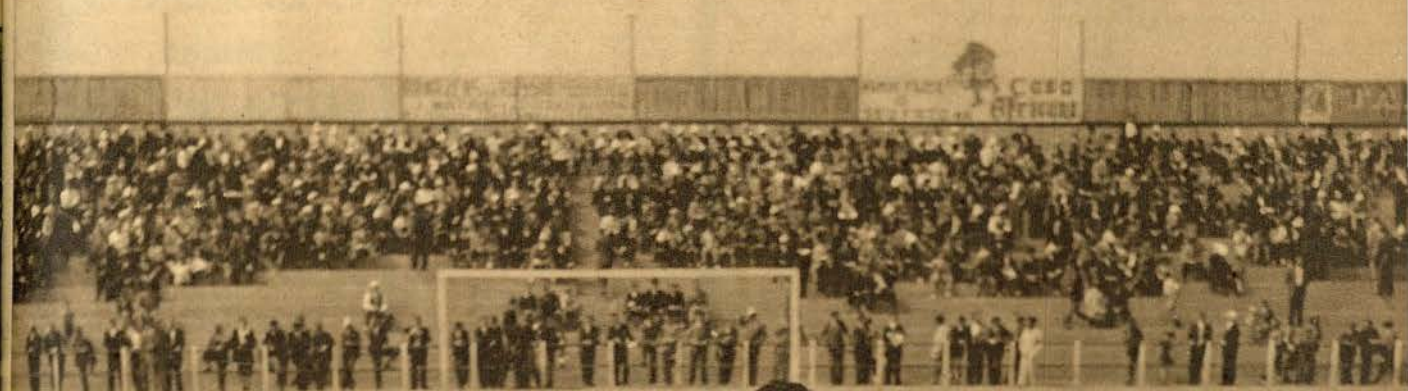
# Stadium

N.º 336

11 de Maio de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



**MARITIMO SPORT CLUBE** — Publicando a fotografia do «team» do Marítimo, um clube com história no futebol português «Stadium» limita-se a prestar uma singela homenagem à equipa das Ilhas e aos seus jogadores. O velho «lugar comum» de que não importa perder, quando se sabe aceitar a derrota, tem nesta altura inteiro cabimento, e muito mais se tivermos em conta a contribuição dos madeirenses ao jogo. Quem um dia for à Madeira — fica preso dos seus encantos e do agasalho da sua gente. Os madeirenses sabem receber e fazem-no com sinceridade e alegrias totais. O «team» do Marítimo formado por Fervença da Silva, Ernesto, Albino, Américo, Paixão, Correia, Eduardo, Checa, Viveiros, Raul e Carvalho, representa a habilidade não amestrada, o sangue puro dos jogadores, o entusiasmo e a paixão pelo jogo. São essas admiráveis qualidades que fazem do Marítimo um grande clube mesmo quando o grupo perde. O resultado quase não interessa. O Marítimo é uma Glória do Futebol Português.

# Benfica eliminou o Marítimo

cuja equipa revelou falta de contacto com grupos de categoria

O Marítimo veio a Lisboa, como é costume, nos quartos de final. O Benfica foi seu adversário, e como a forma dos lisboetas é agora superior à de quase todo o campeonato precedente — atingiu os seus melhores resultados expressivos.

De facto, consentir 9 bolas e marcar apenas 3, revela a imediata inferioridade de um *team* em relação a outro. Mas a equipa funchalense, todavia, denunciou certa capacidade no ataque, embora lhe faltasse o habilidoso Chins, neste encontro substituído por seu irmão Raul, habitualmente interior esquerdo. E Raul, de facto bom jogador, pode impor-se como elemento mais produtivo da linha dianteira, aqui e além acompanhada pelos seus colegas de formação.

Já as linhas defensivas, deixaram de colaborar com a habilidade dos homens da frente a partir de 3-0 a favor do Benfica. Até se verificarem estes números, ainda o sistema de marcação dos madeirenses deu alguns frutos. Depois — surgiu o destrambelhamento defensivo, e os dianteiros lisboetas conseguiram dominar e marcar sem dificuldades sérias.

Ao Marítimo falta evidente contacto com equipas de bom plano. O Campeonato da Madeira não é longo, e a visita de equipas estranhas não se faz com a antiga regularidade. Por isso, só por isso, todo o conjunto veio a sentir a velocidade imprimeida por um adversário habituadíssimo a competições duras.

Talvez alguns clubes não desdenhassem possuir vários jogadores que se exibiram no Campo Grande. Incluídos em equipas fortes, submetidos a uma preparação adequada não seria difícil encontrá-los mais tarde no grupo dos bons valores nacionais. Artur de Sousa (Pinga) e Carlos Pereira, os dois melhores homens que a Madeira cedeu ao continente, também se lapidaram por cá.

A falha que mais se notou no conjunto do Funchal foi sem dúvida esta: — a prática dum futebol que raras vezes obedece a um plano definido. Principiou bem. Desenvolveu 20 minutos em toada agradável, provando individualmente os 5 homens da linha avançada, e ainda o defensor central, guarda-redes e o veterano Correia. Depois, não teve qualquer deles ânimo para suportar a entrada de bolas na sua baliza.

Nos últimos 45 minutos, marcando 3 bolas, o Marítimo confirmou a nossa impressão: — o ataque era nitidamente melhor. A defesa, pelo menos, sensivelmente longe do adversário, por consequente da bola, baixou ainda mais em relação à primeira parte e

sempre cada vez mais, desamparando Fervença da Silva e criando situações perigosas por causa da má direcção dos pontapes de alívio. A bola, lançada para o momento a momento, foi depois sempre re-ebida pelos adversários com oportunuidade, e neste momento vieram a brilhar Espírito Santo e Rogério. Quatro bolas cada um ilustra bem a afirmação.

O Benfica passa agora às meias finais. Lá encontrará Setúbal. E, na Covilhã, há-de desenrolar-se outra luta para encontrar um finalista... A Madeira, com todas as suas tradições, foi uma das vítimas, mas um pouco porque a distância lhe tira possibilidades. Diga-se esta Verdade

Para registo — os grupos:

**Benfica** — Pinto Machado; Jacinto e Fernandes; Moreira, Félix e Francisco Ferreira; Corona, Arsénio, Espírito Santo, Melão e Rogério.

**Marítimo** — Fervença; Ernesto e Américo; Paixão, Albino e Correia; Eduardo, Checa, Viveiros, Raul e Carvalho.

# Corunha-Sporting

Os campeões nacionais de futebol, em evidente má forma, foram à Corunha perder por 5-1. Resultado feio, porque os homens da Galiza, já eliminados na «Taça Generalíssima» e tendo obtido classificação modesta no Campeonato da Liga, não devem ter de momento uma equipa famosa, embora sijnhassem reforçados.

Porém — o resultado é expressivo. Ao Sporting faltou Peyrotet, elemento que costuma chamar sobre si a atenção dos adversários, já pelo seu valor, já porque cada pontapé de seus leva sempre boa marca. O guarda-redes Azevedo fez coisas boas e más, segundo a crítica. Exibição irregular, porém. Barrosa e Juvenal, sobre o fraco, assim como Canário, Armando Ferreira e Vasquez.

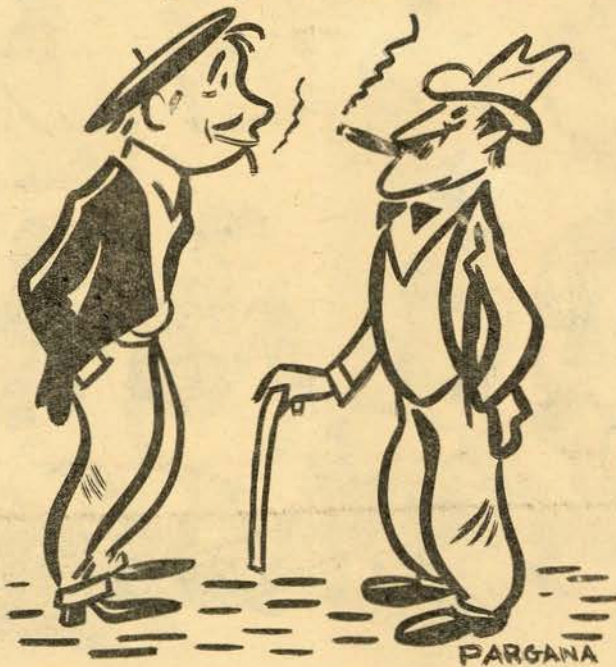
Mas a equipa da Corunha, afortunada, aproveitou a maré. O seu guarda-redes actuou com muita segurança, e a defesa dominou o ataque leonino. Estreou-se no Corunha o francês Kadmiri, que revelou possuir remate forte.

Dizem-nos também que o árbitro prejudicou largamente o Sporting. Tudo isso está no programa dos jogos — quanto à equipa visitante. Cá e lá.

Eis como alinharam os grupos: **D. Corunha** — Acuña; Viti (Gijón) e Pedrito; Martín, Ponte e Carlos; Marquinez, Coque, (Valadolid), Franco, Guimeran e Vazquez (Celta).

**Sporting** — Azevedo; Barrosa e Juvenal; Canário, M. Marques e Ibraim; Armando Ferreira, Vasquez, Jesus Correia, Travaços e Albano.

## A "graça" da semana



— Então vamos ver os galos?...  
— Sim. Embora nós tenhamos andado com «galinha» aquilo deve de ser «frango» para... «canja»...

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA  
—  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA ROSA 252-1.º  
Telefone, 31107 — LISBOA  
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA  
Propriedade de  
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA  
NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

# F. C. PORTO

venceu

## BRAGA por 2-1

EM jogo «amigável» jogaram no Campo da Constituição as equipas do F. C. do Porto e do Sporting de Braga. Os campeões portugueses, que tiveram na acção de Alfredo, Carvalho, Romão e Joaquim a base do resultado, agradaram e convenceram. Faltou Virgílio — dos habituais. Porém, a defesa cumpriu admiravelmente, mostrando-se segura e decidida. Alfredo e Carvalho — especialmente.

A formação bracarense, posto que mais submetida, só perto do fim obteve o seu tento. De todos os modos, o jogo não desagradou e serviu de agradável entretenimento.

## A QUEIMA DAS FITAS

em Coimbra

Importantes festas desportivas

A «Queima das Fitas», como se sabe, tem a sua tradição. Coimbra, a universitária Coimbra, vibra de entusiasmos nesses dias de festa, e este ano acontecerá também assim. De mais a mais estando incluído no programa, no dia 20, um jogo de futebol entre a Académica e o Celta de Vigo, outro entre o vencedor da «Taça» de 1939 (Académica) e a equipa finalista (Benfica). Mais ainda: nesse mesmo dia, de manhã, no Campo de Santa Cruz, effectua-se a final do campeonato dos «quartanistas» inter-faculdades; e nos intervalos dos dois jogos da tarde, marcados para o Estádio Municipal, exhibição das classes de ginástica aplicada dos estudantes da Universidade.

Esta «Tarde Desportiva» será dedicada ao dr. Alberto Gomes, um exemplo de dedicação desportiva. Pelo que se verifica, a «Queima das Fitas» atrairá novamente as atenções gerais. O programa desportivo que denunciamos valoriza igualmente a tradicional festa dos estudantes, que principiará no dia 20 e será dada por concluída no dia 25.

# Mafra serviu de cenário

a provas hípcas de muito interesse

«Congo» ganhou o «Grande Prémio»

**M**AFRA acaba de nos dar o seu X Concurso Hípico, um certame que começa a ter tradições e que este ano serviu, mais uma vez, para abertura oficial da época. Foi melhor do que os anteriores? Pior? Diferente, pelo menos, tanto no seu aspecto geral como até nas suas directrizes.

O Concurso de Mafra que, com frequência, serve de treino para o certame internacional de Lisboa, serviu desta vez de prova de selecção para os cavaleiros e montadas que, em Junho, devem disputar a nossa competição hípica de maior vulto e esta medida modificou-lhe as características habituais, tornando-o um Concurso Militar, em que os prémios a disputar foram em número reduzidíssimo se atendermos às inúmeras inscrições.

Determinadas faixas que caracterizavam o torneio de Mafra foram postas de parte e substituídas por outras, até agora em desuso, e o aspecto geral appareceu diferente, consequentemente, aos olhos do público, embora que conservando o interesse com que em geral se acompanham estas competições.

Um dos atractivos com que se contava residia na apresentação de novos cavalos; outro, era fruto da expectativa que envolvia a acção dos antigos e em especial dos da equipa nacional, dada a aproxima-

ção dos concursos de Paris e de Madrid, nos quais Portugal deverá estar representado.

Quanto aos primeiros muitos appareceram, se bem que — o que é razoável — poucos se evidenciassem. Estão novos e ainda por «meter», mas no grupo há alguns que revelaram qualidades para se afirmarem num futuro muito próximo, talvez mesmo dentro da época que decorre.

Quanto aos da equi. a satisfizesse a curiosidade do público. Houve surpresas? — talvez.

«Congo», «Mondina», «Vouga», «Optus», «Gaza» e «Monforte» pareceram-nos oferecer boas condições, melhores mesmo do que no ano anterior; «Zuari» parece não ter estranhado muito a mudança de mão; «Montijo» e «Mongua», principalmente esta última, continuam a não nos convencer. Notou-se a falta de «Zetex» e de «Alcoa», ambos doentes.

No entanto, fora da equipa há cavalos a impor-se. Estão neste caso, antes de qualquer outro, «Raso», «Fetus», «Tobruk», «Rama», «Ebro» e até mesmo «Squalus», «Favorito» e «Bussaco». Porque não se reforça a equipa com novos cavalos, substituindo-se aqueles que não oferecem garantias de momento?

Entre os ganhadores deve mencionar-se em primeiro lugar Reinoldo Nogueira, no «Congo», mais uma

vez vencedor do «Grande Prémio de Mafra», com um percurso que a ninguém deixou dúvidas, nem ao mais exigente.

Outras vitórias brilhantes foram as de Furtoso Júnior, no «Muflão»; Fernando Cavaleiro, na «Gaza»; Henrique Calado, no «Favorito»; Fonseca Sabo, no «Coneças»; Alberto Miravent, no «Squalus» e Xavier de B. Ito, no «Galvoto».

No seu conjunto o Concurso de Mafra agitou mais uma vez. Mais uma vez também se devem realçar as primicias da sua magnífica organização, sem uma falha, sem um deslize, sem um erro. Houve descontentes? Onde os não haverá, mesmo até nos ocasiões, como esta, em que tudo nos surge ordenado e metódico.

Fiadas as provas de domingo o assunto dominante de todas as conversas e convergiu na constituição da equipa nacional para actuar em Paris e Madrid, problema que se nos afigura não estar ainda completamente resolvido no que diz respeito a cavalos. À hora da nossa revista entrar na máquina está a disputar-se em Mafra uma prova de selecção, cuja finalidade não atingimos, uma vez que estão já distribuídos os cavalos que constituem a reserva da equipa e nos parece tarde para novas trocas, salvo, é claro, aquelas que não afetem grandemente a constituição do grupo. Por exemplo: a entrada de «Raso» para Henrique Calado em substituição de «Montijo» e até mesmo a de «Favorito», novo e bom, em troca de «Zetex», cansado e em más condições físicas. Henrique Calado necessita de dois cavalos à altura do seu excepcional valor e da sua fama de concurrista exímio.

Esperamos poder dar no próximo número a constituição da equipa que vai partir para Paris, a qual será composta por quatro cavaleiros e oito cavalos.

Antas Teixeira

nero. Artur Mendes Silva, também fez boa prova, alcançando um segundo posto que lhe quadra perfeitamente, o mesmo se podendo dizer de José Cabral Junior que reapareceu em boa condição.

O Clube Naval de Sesimbra merece uma referência especial por dois motivos: primeiro, pelo simples facto de ter comparecido; depois, pelo magnífico quarto lugar do seu único representante, o esforçado Alfredo Filipe que, a despeito de estar ainda pouco treinado, como é natural, obteve uma posição que deve ser o melhor incentivo para uma preparação cada vez mais intensa.

Do modo geral, esta primeira organização da A. N. L., correspondeu à sua finalidade, movimentou duas dezenas de nadadores, atraiu à praia de Algés algum público, e pode considerar-se bom prenúncio para organizações futuras.

Damos, a seguir, a indicação dos dez primeiros chegados: 1.º João Franco do Vale, 6 m. 49 s.; 2.º Artur Mendes Silva, 7 m.; 3.º José Cabral Júnior, 7 m. 2 s.; 4.º Alfredo Filipe, 7 m. 8 s.; 5.º Belmiro Santos, 7 m. 12 s.; 6.º José Rodrigues Rosado, 7 m. 20 s.; 7.º Leonel Sousa Gomes, 7 m. 27 s.; 8.º Manuel Rodrigues, 7 m. 32 s.; 9.º José Vasconcelos, 7 m. 42 s.; 10.º Adriano Cabral Rodrigues, 7 m. 45 s.;

Abreu Torres

# Campeonato Nacional

**P**RINCIPIOU no domingo a disputar-se o campeonato nacional de andebol, que há quinze dias parecia seriamente comprometido e reservado ao mesmo triste destino do do campeonato de basquetebol, mas afinal conseguiu vida normal com a participação dos seis grupos seleccionados: três do Porto, dois de Lisboa e um de Coimbra.

O jogo mais importante da primeira jornada teve lugar nas Salésias, entre o Belenenses e o Futebol Clube do Porto, terminando pela vitória dos «azues» por 4-2.

O encontro começou sob os melhores auspícios e a primeira parte, que terminou com as equipas empatadas a uma bola, foi de nitida vantagem técnica dos portuenses; no entanto, foram os belenenses que perderam duas grandes penalidades e podiam, pois, ter já adquirido vantagem no marcador.

Lgo nos primeiros minutos da segunda parte, os lisboetes foram beneficiados com segundo ponto, obtido em nitida deslocação que o juiz de linha responsável deixou passar sem castigo; do protesto dos portuenses resultou a expulsão de um dos seus melhores elementos e a equipa entregou-se. O Belenenses ganhou o jogo vinte minutos antes de ele acabar.

Em Coimbra, o Sporting, campeão de Lisboa, venceu a Académica, campeão local, por 6-3, resultado muito honroso para os estudantes e que parece afirmar que, afinal, desempenharam bem o seu papel na prova.

Por último, no Porto, o Ferroviários, finalista da época passada, derrotou o Vilaovense por 9-6, resultado copioso e significativo.

Pela manhã, no mesmo relvado das Salésias, os juniores do Sporting viram fugir-lhes o sonho do campeonato, perdendo por 3-4 o seu jogo com os Belenenses. Perderam bem; a equipa joga tecnicamente muito pouco. Vale-se de um excelente guarda-redes e de um avançado-centro com potentíssimo remate, mas que não sabe construir situações para o aplicar; marcou três pontos, todos de lance livre.

Os rapazes de Belem, que vão decidir o título em jogo suplementar com o Oriental, movem-se melhor no terreno, desmarcam-se e foram melhor ante o adversário a cortina defensiva.

Note-se com mágoa o grande número de faltas de comportamento para com o adversário, cometidas pelos juniores na generalidade; tendência a reprimir com energia, pois é de pequenino...

José de Eça

assine a STADIUM

## NATAÇÃO

# João Franco do Vale

bom vencedor dos 500 metros da A. N. L.

**V**AL animado e prometedor este começo de temporada natatória. As organizações sucedem-se numa demonstração clara de interesse pela modalidade que muito nos aprás registar.

O Sport Algés e Dafundo efectuou a primeira jornada dos seus Campeonatos da Primavera onde se verificaram — diga-se desde já — marcas bastante prometedoras. Na quarta-feira, tomaram posse os novos directores da Associação de Natação de Lisboa, no decorrer de uma cerimónia simples mas magnificativa. Depois de conferida a posse pelo sr. João Cardoso de Oliveira, proferiram-se algumas afirmações, quer de dirigentes da A. N. L., quer de representantes da Federação Portuguesa de Natação, todos concordes no que toca a uma estreita colaboração entre os organismos que superintendem na natação.

No domingo correu-se a pri-

meira prova de rio — os 500 metros da A. N. L., desta vez, ao longo da praia de Algés, e à tarde o Nacional de Natação organizou um festival inter-sócios para inauguração da temporada dentro do clube.

No dealbar de mais uma temporada natatória, a bela modalidade parece trilhar bom caminho. Há, pelo menos, desde já a assinalar bons sintomas de actividade.

Os 500 metros da A. N. L.

A prova de 500 metros, disputada em frente da praia de Algés, em organização da A. N. L., reuniu à partida vinte nadadores — numero só por si interessante — os quais todos atingiram a meta.

A corrida proporcionou excelente triunfo a João Franco do Vale — que não é propriamente um especialista de estilo-livre — e que assim alcançou a sua primeira vitória em provas do gé-

# HERMANO PATRONE

## treinador do Algés e Dafundo



**HERMANO PATRONE** — cujo depoimento hoje arquivamos nestas colunas, como treinador do Sport Algés e Dafundo — foi, como praticante, uma das figuras de maior relevo da nossa natação. Campeão nacional de 100 e 200 metros-livres, componente da seleção portuguesa que, em 1926, disputou na doca de Belém, o primeiro encontro com a Espanha, jogador de «water-polo» de excepcional classe — recorde-se, a propósito, as suas exhibições no país vizinho — excelente nadador em provas de mar e, finalmente, saltador valoroso, várias vezes campeão nacional. Foi, em suma, como nadador, um atleta completo — e um desportista do melhor quitate. Durante cerca de três lustros, o nome de Hermano Patrone figurou entre os melhores da natação portuguesa, juntamente ao lado de campeões como João da Silva Marques, Assinhal dos Santos, Fernando Sacadura, Manuel Cardoso, Joaquim Maier e tantos outros.

Entretanto, Hermano Patrone começou a dedicar-se, também, ao ensino da natação, como instrutor obsoleto do seu clube. Ensinou muita gente a nadar. E principiou a distinguir-se como treinador, pois que, sob a sua orientação, diversos atletas se distinguiram em provas de competição. Faz agora, porém, seis anos que, numa altura bastante difícil da vida do Sport Algés e Dafundo, Hermano Patrone foi chamado a ocupar oficialmente o cargo de treinador do seu clube. O momento era, de facto, particularmente difícil. Mas Patrone, desportista de fina tempera, não hesitou um instante. Habitado a lutar como nadador — encarou de frente a situação que se lhe apresentava. Ao campo sucedeu, assim, o treinador cuja obra e cujos resultados, a seis anos de distância, são a mais eloquente demonstração da sua competência, da sua dedicação e do seu espírito de sacrifício.

Nessa altura — em 1943 — arquivamos nestas colunas o depoimento de Hermano Patrone — uma entrevista com seu sabor de profecia que os anos se encarregaram de confirmar. Hoje, voltamos a registar as suas opiniões. No deslizar de mais uma temporada náutica, uma entrevista com o treinador do Algés e Dafundo reveste-se de particular interesse e oportunidade. Patrone, excelente carácter e um amigo de há muitos anos, acedeu de bom grado. E o diálogo desenrolou-se, calmo e despreocupado, no local mais indicado para esse fim: o estádio náutico do S. A. D.

### DURANTE O INVERNO, TUDO CORREU NORMALMENTE

Como se sabe, o Sport Algés e Dafundo dispõe de uma pequena piscina de água aquecida — a piscina de «Eduarda Portugal» — que, apesar de não reunir as condições ideais para a prática da natação, está, no entanto, na origem de muitos dos seus triunfos e constitui, em grande parte, a causa do progresso de muitos dos seus elementos mais representativos. E como tal, os nadadores do S. A. D. seguem, durante a quadra invernal, regular e cuidada preparação. É, portanto, a esse respeito que colocamos a Hermano Patrone a primeira pergunta:

— Como decorreu o seu trabalho durante o inverno? — Dentro da melhor normalidade. Nadadores e nadadoras, de modo geral, treinaram com regularidade, demonstrando interesse e entusiasmo, entregando-se, também, à prática sempre indispensável da ginástica, numa excelente compreensão dos seus deveres de desportistas e de campeões. Estou, portanto, satisfeito e esperançado, tanto mais que a maior parte dos nadadores obtiveram, durante o inverno, melhores tempos do que nos invernos anteriores. É um pormenor elucidativo que me permite encetar com optimismo a temporada que terá, no próximo dia 1 de Maio, a sua inauguração oficial.

### UM NUCLEO VALOROSO DE JOVENS

Uma das facetas mais curiosas da obra tão conscienciosamente levada a cabo por Hermano Patrone, nestes últimos seis anos, reside precisamente no valioso núcleo de jovens nadadores por ele formado. Esse núcleo que ao Algés e Dafundo tem sido nas últimas épocas magníficas vitórias e que na temporada de 1948 operou a queda de dezasseis recordes. Impunha-se, pois, inquirir da «forma» desses nadadores. Ouvir, portanto, o parecer do seu treinador. Eis, a esse respeito, a opinião de Hermano Patrone:

— O grupo de jovens do S. A. D., que constitui, sem favor, um dos legítimos motivos de orgulho do nosso clube, e entre os quais figuram já alguns internacionalistas de créditos firmados, tem continuado a trabalhar sem desalencamentos. De modo geral, pode afirmar-se que a condição desses nadadores é excelente e que alguns deles — os mais novos principalmente — têm progredido de maneira bem nítida. Citarei alguns exemplos, quase ao acaso. João Manuel Galixto, que continua a progredir a olhos vistos, atingiu, durante o inverno, as seguintes marcas bem elucidativas: 1 m. 19 s., nos 100 metros-livres; 1 m. 28 s., nos 100 metros-costas e 3 m. 18 s., em 200 metros-costas. Esequiel Carneiro das Neves está presente a percorrer os 100 e 200 metros-livres, respectivamente, em 1 m. 13 s. e 2 m. 55 s., Eurico Rocha Surgey seria um magnífico nadador de meio-fundo se adquirisse no «crawl» de frente a regularidade que já o caracteriza no «crawl» de costas. Como igualmente deposito os melhores elogios em Fernando Madeira, como possível nadador de meio-fundo.

A lista é numerosa. Mas Fernando Patrone que tem, pode dizer-se de memória, a biografia dos seus pupilos, vai enumerando:

José Inácio Borja, Eduardo Murta Barbeiro, João Faria Richinho, Luis Ricardo Sebastião, Henrique Perdigão, Alfredo Fernando Rodrigues, João Franco do Vale (acentuasse que a ordem nada significa), são outros tantos elementos de quem o Algés e a natação portuguesa muito tem a esperar. Quanto a meu irmão Guilherme — que este ano voltarei a experimentar nos 400 metros — penso que poderá, na prova de velocidade pura, baixar a sua marca de 1 m. 02.2 s., obtida o ano passado em Palma de Maiorca, quando do VI encontro Portugal-Espanha.

— E no que toca às nadadoras? — Há, também, um grupo valioso ainda que, infelizmente, pouco numeroso. À frente, o nome de Luclia da Silva Angeja que eu só desejo que volte a treinar com aquela regularidade e interesse com que o fazia ainda há bem pouco tempo. É que só assim poderá continuar a ser a «estrela» número um... Maria Luísa Malheiro da Silva — a «heroina» da Travessia do Tejo de 1948 — continua a progredir a olhos vistos. O mesmo direi de Maria Luísa Araújo que continua trabalhando com os olhos postos nos vellozos recordes de Silvina Vieira Alves. E ainda Fernanda Cunha, Otília da Conceição Raposo, Mafalda Delany e outras.

### ONDE SE FALA DA VISITA DO C. N. SEVILHA

Conforme já é do conhecimento dos nossos leitores, o Algés e Dafundo entabulou negociações — que já chegaram a bom termo — com o Clube de Natação de Sevilha, um dos melhores agrupamentos do país vizinho, que se exhibirá em Lis-



O nosso camarada Abreu Torres ouve as apreciações de Patrone

boa, nos dias 21 e 22 de Junho, ou seja, durante as festas do aniversário do S. A. D. A perspectiva dum encontro internacional é sempre um estímulo precioso para os atletas. A dois meses da visita do Sevilha, qual seria o estado do espírito dos nadadores portugueses? E qual seria, também o estado de espírito do seu treinador? Oíçamos, pois, o que neste particular nos disse Hermano Patrone:

— Antes de mais, a visita do C. N. Sevilha tem interesse em si própria, como jornada internacional. E uma jornada internacional é sempre útil, mesmo quando se perde. Além disso, do elenco sevilhano fazem parte nadadores de boa categoria que o público gostará de ver. Cito, por exemplo, o recordista espanhol e ibérico dos 200 metros-brastos, Blanco, um magnífico especialista de «mariposas». Cito também Albad — o vencedor dos 100 metros-costas do último Portugal-Espanha. Conhecedores da categorião adversária, os nadadores do S. A. D. estão seguindo preparação cuidada e posso dizer-lhe que encaram o encontro sem excessivo optimismo, mas com confiança.

— E no que respeita às nossas possibilidades?... — Temos possibilidades de lutar de igual para igual. É natural que se assista a dois festivais equilibrados. Há provas que os nadadores do S. A. D. têm todas as probabilidades de ganhar. Outras há que pertençam, naturalmente, aos representantes do Sevilha. Julgo, pois, que haverá equilíbrio. Mas... deixemos os prognósticos...

### O TORNEIO PARA «CADETES», NA HOLANDA

Como é natural e facilmente compreensível, a notícia da activação de um torneio a realizar em Dordrecht, na Holanda, reservado a nadadores de ambos os sexos nascidos depois de 1 de Janeiro de 1932, causou certo alvoroço nas hostes juvenis do S. A. D. Mas não só nas hostes juvenis. Hermano Patrone, que dia a dia cuida desses rapazes, também recebeu a nova com verdadeiro interesse. Ele nos diz:

— Seria, realmente, da maior vantagem que nadadores portugueses estivessem presentes no torneio de Dordrecht, uma iniciativa curiosa e felicíssima, pois que visa a inculcar entusiasmo aos novos, ágeles em quem reside o futuro da modalidade.

— E quais seriam, em sua opinião, os escolhidos? — Há dois nomes que me parecem indiscutíveis: Eduardo Murta Barbeiro e Fernando Esteves Madeira — dois nadadores que, estou certo, representariam condignamente as cores portuguesas. Em minha opinião, seria, no entanto, interessante que a equipa fosse o mais numerosa possível. Esequiel Carneiro das Neves, Vasco Dias Pereira e João Manuel Galixto, se conseguissem baixar os seus tempos, seriam também, nomes a ter em consideração numa possível representação nacional. E o mesmo direi da Maria Luísa Malheiro que faz, normalmente 1 m. 25 s. aos 100 metros-livres, prova em que o mínimo exigido é de 1 m. 18 s. Conseguirá ela atingir este tempo? É possível. E seria muito interessante assa deslocação.

A entrevista atingirá o seu termo, focados como estavam os pontos capitais. A despedida, Hermano Patrone diz-nos ainda:

— Como vê, de modo geral, o panorama animador. Oxalá tudo corra como eu penso e atemporada de 1949 seja, realmente, como todos nós a desejamos: uma época de progresso para a natação portuguesa.

ABREU TORRES



Patrone rodeado de um grupo de nadadores do Algés e Dafundo, gente nova em quem ele reconhece qualidades especiais para prestígio da modalidade e continuação da obra maravilhosa que o grande clube há anos vem desenvolvendo



*Os lisboetas carregam e insistem, pondo em perigo permanente as redes do Porto*



*Em cima, Seleção de Lisboa; em baixo, Seleção do Porto*

acusa o efeito do tempo e pouco pôde fazer também; Gomes da Costa, na guarda da baliza, teve desatenções que lhe custaram caro; apenas Correia de Brito se salvou — mas isso só não chegava para um conjunto aguerrido como o de Lisboa e com Correia dos Santos a jogar em grandes.

Portou-se muitíssimo bem a turma do Sul. E o prémio teve-o no resultado. Raio foi o melhor pela sua acção útil e voluntariosa; Emídio, certo, só com a desatenção que deu o golo; Vêles, servido quase sempre em más condições, tanto porfiou que, ao fim, conseguiu o seu intento; Edgar, apático, foi substituído na altura própria por Gomes, mais cumpridor e também mais meado; finalmente, Correia dos Santos, com uma cántefa de golos, deu a nota de engodo pela baliza e certeza no remate.

Foi particularmente notada a ausência de Jesus Correia. Se ele tivesse jogado (mas preferiram-no a acompanhar os futebolistas do Sporting à Corunha — onde não alinhou!) até onde teria chegado o resultado? Seu primo, porém, não perdeu a toada — e obteve, assim um recorde, a igualar outro de Ollivério no IV Porto-Lisbo (14-1) efectuado no Lima em 24 de Outubro de 1942.

Em patinagem artística (mot de ordem obrigatório nestas danças!) exibiram-se agradavelmente as gentis meninas Maria Eduarda, Maria Elvira de Sousa Braga e Maria de Lourdes Vales — três simpatiquíssimas Marizinhas. E no princípio de todos os desafios (houve dois, antes do VIII Norte-Sul, nos quais o Campo de Ourique derrotou o Ateneu por 6-0 e a Académica da Amadora bateu o Benfica por 5-3) guardou-se sempre um minuto de religioso silêncio, em memória dos futebolistas do Torino e seus acompanhantes, vítimas do brutal desastre de Superga, apresentando-se os jogadores, patinadoras e árbitros de brasa negra em sinal de luto. Depois da sessão foi oferecida aos jogadores do Norte e do Sul uma abundante ceia — que decorreu animadamente e acabou alta madrugada — tendo discursado os srs. Ayala Boto, inspector dos desportos, cap. Santos Romão, Armando Freitas e Lopes Gonçalves, presidente, respectivamente, da F. P. Patinagem e das Associações do Sul e do Norte, e o nosso camarada José Ilharco, pela Imprensa.

O certo é que o hóquei em patins cada vez está a despertar mais entusiasmo e a divulgar-se no nosso país. Temos, verdade seja, em Portugal, os melhores jogadores do Mundo — rapazes que sabem envergar com brio a camisola das Quinas.

(Continua na pág. 15)

## Hóquei em patins

# Brilhante vitória do SUL

**por nove golos a um no oitavo encontro com o NORTE**



*Um ataque impetuoso dos portugueses às redes de Emídio Pinto*



*Uma jogada, de movimento, no meio da pista*



*O dr. Ayala Boto, inspector dos Desportos, faz a entrega da taça à Seleção do Sul*



*Os dirigentes das duas Associações trocam lembranças e palavras amáveis...*

# Será o futebol amador britânico de boa qualidade?

Por GEORGES LANGELAAN

A visita do Swanes Nomads a Paris para jogar em Javisy deu ao a que os críticos recomencessem com a questão do nível do futebol amador britânico. O grupo visitante perdeu no arrabalde da capital francesa por 7-0; e o cúmulo da humilhação foi quando os franceses, a quem havia sido concedida uma grande penalidade, marcaram a bola lentamente na direcção do guarda-redes, permitindo-lhe a defesa fácil.

A explicação dada pelo clube gaulês para essa grande derrota — de que o calor excessivo tinha prejudicado o seu jogo — não foi bem recebida na imprensa francesa.

No Continente há muitas dúvidas sobre o nível do futebol amador britânico. Há menos entusiasmo nessas visitas e creio que os amadores britânicos farão bem em pensar duas vezes antes de aceitarem convites para novas viagens. Os clubes profissionais britânicos são sempre bem recebidos, mas a triste verdade é que os amadores estrangeiros se mostram habitualmente mais competentes que os amadores britânicos.

## A Escócia dá o exemplo

Pensa-se que os profissionais e os amadores da Grã Bretanha se encontram muito isolados e que os encontros ocasionais para a Taça não contribuem para elevar o nível geral daqueles que não são pagos. Pensa-se também que a experiência do Queens Park de Glasgow, concorrendo com os melhores grupos profissionais da Escócia, é um dos principais motivos para um país com uma população tão pequena conseguir produzir uma série tão brilhante de futebolistas. O grupo amador é o vivo das estrelas profissionais e pode ser que haja muitos jovens brilhantes que nunca consigam revelar-se por não terem oportunidade de jogar ao lado de outros melhores.

Porque é que, para começar, se não hão-de convidar os grupos amadores contra reservas dos grupos profissionais. Posteriormente, uma vez elevado o nível geral, os amadores poderiam passar à igualdade plena com os profissionais. Se a Inglaterra adoptasse esse método poucas dúvidas há de que ela poderia atingir o primeiro plano e mantê-lo durante anos e anos.

Vinte jornalistas desportivos franceses e 2.000 entusiastas acompanharam o grupo nacional da França a Amsterdão, para assistirem à vitória dele, mas não o conseguiram. Ninguém esperava uma vitória holandesa, e menos ainda uma derrota como é a de 4-1 para o grupo da França. O entusiasmo holandês foi enorme.

## Umás férias por um bilhete

O terreno do jogo estava cheio com os 65.000 espectadores. No último minuto pagaram-se preços astronómicos por bilhetes. Houve quem

oferecesse a um francês uma estadia de 15 dias na Holanda pelo seu bilhete para o desafio. Tomaram-se grandes precauções contra os falsificadores. Os representantes da Imprensa francesa tiveram de apresentar o seu livre trânsito, pelo menos 6 vezes, antes de chegarem ao seu lugar.

O que tornou a derrota ainda mais difícil foi o facto de os jogadores franceses terem conseguido uma bola a dois minutos do começo. Infelizmente para eles, foi o seu único ponto, e desde essa altura houve apenas um grupo em jogo. Muitos dos jogadores franceses tinham realizado 4 jogos em dez dias e por certo encontravam-se fatigados. O melhor homem em campo foi o holandês Wilkes.

O resultado deste desafio deu ao a que os críticos parisienses passassem em revista as suas previsões optimistas para o desafio França-Escócia de 27 de Abril. E o grupo, que pouco tempo antes derrotara a Inglaterra em Wembley, tinha evidentemente capacidade para causar uma surpresa à França.

A greve dos futebolistas profissionais argentinos continua sem solução. O Ministro do Trabalho tentou por várias vezes estabelecer o acordo em duas partes, mas sem êxito. A última tentativa foi o memorial de 11 pontos que os profissionais foram solicitados a aceitar. Os jogadores replicaram com um memorial em que apresentam os seus 11 pontos.

O que é que querem esses profissionais? Pedem contratos colectivos, liberdade completa de contrato entre os jogadores e os clubes (sem interferência da Associação de Futebol Argentina) a partir de 15 de Dezembro de 1951. Esta data distante foi estabelecida para permitir aos clubes adaptarem-se às novas condições financeiras. Pediram também a supressão das transferências negociadas entre os clubes, a nomeação de árbitros para estabelecer as disputas entre jogadores e clubes, e um ordenado mínimo.

Os jogadores em greve insistem ainda pela reabilitação daqueles que fizeram a greve e pelo pagamento dos ordenados em atraso desde 15 de Dezembro. Parece que o acordo ainda vem longe.

Há certas dúvidas sobre se o futebol será incluído nos próximos jogos olímpicos a realizar em 1952 em Helsínquia; mas o presidente da Comissão Olímpica finlandesa, Sr. Frans-kell, é um partidário fervoroso do futebol e é provável que seja apoiado pelos outros países escandinavos na sua luta pela inclusão do futebol nos Jogos.

O presidente da Federação Belga, Canon Dessain, recela a epifonia excessiva suscitada pelos jogos de campeonato. Recentemente fez uma conferência aos árbitros belgas em

Antuérpia sobre os perigos que ameaçam o futebol por causa dos excessos que se notam entre os jogadores. Canon Dessain tem 73 anos.

## A viagem do Arsenal ao Brasil

A América do Sul vai ter esta época uma verdadeira invasão de clubes europeus. Além do Arsenal, que no fim da época irá ao Brasil jogar alguns desafios, há ainda o Atlético de Madrid e o Real Madrid que preparam uma viagem durante a qual deverão jogar em Buenos Aires, Montevideu e Rio de Janeiro.

O grande acontecimento do futebol italiano não diz respeito, agora, nem a jogadores italianos nem a jogadores estrangeiros mas ao treinador inglês Livesley. Diz-se que está prestes a abandonar o Torino para treinar os seus grandes rivais — o Juventus — também de Turim. Diz-se que o treinador inglês exige plenos poderes para a escolha dos grupos que defrontem os outros clubes.

O que é que se pode fazer a um jogador que teima em se colocar na posição de fora de jogo, sem jogar a bola? Essa pergunta está a ser feita na Bélgica depois de um incidente recente. O árbitro admoestou o jogador que incorria nessa falta. Contra um jogador que se põe fora de jogo, na outra metade do campo, não há nada a fazer. Sem dúvida é muito irritante mas não toma parte no jogo, nem faz obstrução, o que se há-de fazer? Alguns dizem que devia ser aprovada uma regra para o expulsar do campo. Tudo isto parece querer levar a tática ao extremo.

A Taça Internacional da Europa, organizada antes da guerra e que agora reviviu, disputada entre a Suíça, Hungria, Checoslováquia, Suíça e Itália, está a causar certos enfados. Os grupos jogam duas vezes uns contra os outros e a prova prolonga-se por duas épocas. Reorganizada no ano passado só deve terminar em 1950, e ninguém parece saber ao certo como se encontra a Prova.

A notícia publicada pelo «Gazeta dos Desportos», da Itália, é de que ninguém parece importar-se com a Prova. Segundo esse jornal, a Checoslováquia segue em primeiro lugar com 8 pontos (4 jogos); a Áustria tem o segundo, com 4 pontos (3 jogos); a Hungria o terceiro, com 4 pontos (4 jogos) e a Suíça, 1 ponto (3 jogos). A Itália ainda não jogou nenhum dos seus jogos, realizando-se o primeiro a 22 de Maio contra a Áustria. Há muito quem diga que será impossível terminar a prova e que esperam que ela morra de morte natural. Todavia, acha-se que um verdadeiro campeonato europeu é de desejar.

N. da R. — O treinador Livesley a que o jornalista inglês Langelaan se refere não mais dará ao a ymoraes nem a boatos. Foi um dos que sucumbiu, em Superga, no trágico regresso da equipa do Torino à sua terra.

**Almanaque dos Desportos**  
Encontra-se à venda  
na Administração da «Stadium»

# ACTIVIDADE internacional

O desporto português, com a segurança das forças conscientes e organizadas vai alargando a sua esfera de acção, irradiando para novos campos a sua actividade e afirmando, aqui e além, classe e possibilidades desconhecidas ou menos apreciadas.

A série é rica e ininterrupta; não estão longe ainda os triunfos alcançados pelos nossos hoquistas sobre patins em Montreux e pelos velejadores em Paris, simultaneamente da honrosa presença dos outros hoquistas em campo na Bélgica. Acompanhamos durante os quinze dias passados, o brioso comportamento do ciclista Fernando Moreira em Marrocos, lutando em condições ingratas contra uma falange valorosa de atletas consagrados e aos melhores se equiparando.

Rico em acontecimentos de carácter internacional vai ser este mês de Maio, auspiciosamente inaugurado com a magnífica vitória do Benfica sobre o campeão de Itália; teremos dois encontros de futebol, contra o País de Gales e a Irlanda, o Espanhol-Portugal em basquetebol, o Madrid-Lisboa em atletismo, a visita dos atletas do SEU madrileno, o match latino de tiro onde os espanhóis serão nossos adversários e, provavelmente ainda, o encontro ibérico em esgrima às três armas.

Como poderíamos sonhar, há meia dúzia de anos atrás, semelhante ecletismo em pugnas internacionais? Houve, sem dúvida, profunda evolução e procurar-lhe a razão fundamental não é difícil.

Sem carácter absorvente, a orientação superior do Estado, centralizando esforços, facilitando relações e, porque não também, auxiliando materialmente, tornou possível muita iniciativa que sempre fora utopia, ideia irrealizável. Isto, que muitos não querem ver, para apenas porem em relevo uma faceta antagónica é, no entanto, verdade incontornável.

O desporto português alargou muito além fronteiras a sua esfera de acção e por toda a parte conquistou apreço e estima, respeito ou admiração. Já deixamos de viver isolados na nossa glória pontia extrema da Europa e a situação geográfica deixou de ser obstáculo impedido de relações internacionais para os nossos desportistas. Os portugueses para todos os países são convidados e de todos os países se procura com interesse vir a Portugal. Esta é a grande vitória a proclamar.

S. C.

## O CONGRESSO dos Clubes desportivos

**P**OR iniciativa do Clube de Futebol «Os Belenenses», anuncia-se a reunião do segundo congresso dos clubes desportivos, para estudo e apreciação dos seus mais instantes problemas vitais.

O empreendimento pode ser de grande utilidade se for orientado com critério definido e se para ele todos forem decididos a analisar sem paixão os vários assuntos, pesando por igual as responsabilidades alheias e as culpas próprias.

O primeiro congresso, promovido pelo nosso colega «Os Sports» há quase vinte anos, alcançou incontestável êxito e, no entanto, das conclusões aprovadas, quantas estão ainda por atender? Quantas morreram no esquecimento, que ainda hoje representam uma necessidade do meio?

O Belenenses recebeu já elevado número de adesões, que lhe asseguram a viabilidade do seu propósito: seria, talvez, oportuno que se constituísse a comissão responsável e esta elaborasse o plano genérico das questões a tratar. Não são poucas as que se impõem; algumas, andam na boca de toda a gente: problema tributário, auxílio do Estado, idade da iniciação desportiva; mas outras, como o profissionalismo e sua viabilidade, o estatuto do clube desportivo, o problema da ginástica e da situação dos seus professores, são menos apregoadas mas não menos importantes.

Os clubes, pela voz dos seus dirigentes, irão para o congresso proclamar suas necessidades e direitos, direitos legítimos conferidos por longo trabalho de utilidade pública, baseado em sacrifícios sem conto. Mas por certo reconhecerão também a incompatibilidade de certas situações com suas lãstimas e, desassombadamente, falando claro, escolherão o caminho preferível para futuro, respeitando a verdadeira doutrina do desporto, integrando-o no plano educativo e social de onde nunca pode sair, sejam quais forem seus objectivos ou meios de acção.

O congresso dos clubes é uma ideia feliz e oportuna; esperemos confiadamente pelos seus resultados.

# O Ginásio Clube Português em Casablanca

## Impressões da 61.ª Festa Federal de Ginástica

**A** Festa Federal de Ginástica a que tive o prazer de assistir em Casablanca, integrado na equipa do «velho» mas sempre jovem Ginásio Clube Português, mostrou-nos o interesse que a França dedica aos problemas da Educação Física. A sua Federação, procurando interessar a mocidade e desenvolvendo a formação de novas Sociedades, só tem um fim: — o reavivamento da Raça.

A vida, a cor, a alegria, o espírito desportivo, foram as notas oferecidas pelos 3.000 ginastas que se reuniram nesta maravilhosa cidade africana.

Só observando se pode crer que milhares de ginastas confraternizassem como se fossem já velhos amigos. E' que o ideal desportivo tem o condão de aproximar os povos, unir sentimentos, afastando poéticas, rivalidades ou outras quaisquer lutas que inferiorizam os homens.

A equipa do G. C. P., que pela primeira vez se deslocou ao estrangeiro para tomar parte numa competição, estranhou — como não podia deixar de ser — este ambiente festivo, resultado da falta de contacto internacional; no entanto, a sua boa vontade e o desejo que a todos animava de deixar bem colocado o Ginásio Clube Português e, consequentemente, Portugal, transpareceu em todos os actos.

A chuva torrencial que nos esperou em Casablanca, ofuscou em parte o brilho deste espectáculo, pois os organizadores contavam fazer-na em contacto com a natureza, em pleno ar livre. Esse contratempo não amoleceu sequer o ânimo de vencer, existente em cada um dos concorrentes.

No concurso destinado a estrangeiros, pois a França organizou uma prova só para ela, a Suíça, com centenas de ginastas apresentados por secções, fez realçar o alto nível de desenvolvimento físico dos seus filhos. Os exercícios harmoniosos e ritmados de bom efeito espectacular, agradaram. Algumas secções exageraram, porém, em certos pormenores, pois uma delas rastejava os pés, parecendo-nos querer tirar efeitos sonoros da marcha.

As equipas belgas e luxemburguesas, com os seus componentes muito jovens, mostraram-nos que nos seus países também se trabalha a sério e com carinho pelo robustecimento dos seus cidadãos. Nos exercícios preparatórios, exercícios de conjunto em paralelas por graus de dificuldade, corrida de 80 metros e barra-fixa, os ginastas emprezaram-se a fundo. A classificação final, dada por um júri exigente, deu-nos 4 equipas suíças à nossa frente e 5 equipas depois de nós, sendo 2 suíças, 1 luxemburguesa e 2 belgas. Esta classificação honrou-nos muito, embora necessitemos trabalhar se quisermos aspirar a melhores lugares em futuros certames da mesma responsabilidade.

No concurso individual, em que os franceses tomaram parte, incluindo suíças, belgas, luxemburguesas e portuguesas — Ballerstedt e Alvarez representaram o Ginásio Clube Por-

tuguês entre dezenas de concorrentes, todos eles de boa classe; as suas classificações de 6.ª e 19.ª, respectivamente, são excelentes. Ballerstedt mostrou-se um atleta com espírito de luta apurada; Alvarez, sendo um jovem principiante nestes concursos, mostrou-se com estofa para futuros empreendimentos. Para Alvarez vão os nossos parabens, pois apesar de ferido conseguiu arrancar à custa de uma energia e força de vontade admiráveis, um salto no «cavalo» que o cotou com a melhor pontuação nesta prova.

A barra-fixa, paralelas, argolas, cavalo de arção, mãos-livres e saltos no cavalo, foram as provas obrigatórias.

Como final da Festa, participámos no desfile.

Que admiráveis e impressionantes exclamações nós ouvimos quando passámos com as bandeiras desfaldadas! A todo o momento ouviam-se os portugueses presentes gritarem: «Portugal! Portugal!!!» — exclamações que tinham qualquer coisa de saudade e admiração. A alegria que demos aos nossos compatriotas que ali vivem e trabalham foi grande; muitos deles acompanharam-nos até durante todo o desfile!

Se há alguém que julgue que o G. C. P. foi passear, pode estar convencido da que se engana! O Ginásio Clube Português foi mostrar que tem ginastas, que tem vida, que quer ver e aprender e lembrar que existe Portugal. Apenas lastimamos que em vez de 9 não fossem 90, pois os outros países, com centenas de participantes, deram-nos um exemplo de grande vitalidade. A técnica mais ou menos apurada e as classes de elite que os países concorrentes nos mostraram, provam bem esse interesse.

Que documentário colorido nós observamos quando, após o desfile pelas avenidas de Casablanca, nos concentramos no parque de jogos, com a presença do Sultão de Marrocos e altas individualidades civis e militares, numa festa de luzimento inesquecível!

O ícar da bandeira no mastro de honra e a continência pelas bandeiras dos países participantes, enquadrados pela Guarda Muçulmana nos seus uniformes multicores, sensibilizou todos os atletas.

A exibição de 3.000 ginastas; a classe da Guarda Nacional Republicana de Paris, numa demonstração difícilíssima em que a Luta, Egípcia, Atletismo e danças estavam sintetizadas por movimentos bem ritmados nas suas pirâmides sobre paralelas, difíceis e espectaculares; a graça e

harmonia da equipa feminina francesa nos difíceis exercícios nas traves, em que a cambalhota, pino de ombros, pranchas e pinos nos exercícios executados com a maior naturalidade; nos exercícios de mãos-livres, em que a rodada seguida do «click-flark» são temas obrigatórios, tudo isso, levaram-nos a acreditar que também neste campo a mulher pode competir com o homem.

Fomos observar muita coisa que conhecíamos mal; fomos, portanto, aprender. Ox lá que estas iniciativas não se percam. Que esta estrela seja o prenúncio de futuros empreendimentos onde todos nós só temos a ganhar. Por último, queremos mencionar a actividade e o espírito empreendedor do nosso presidente, dr. Jorge Oom e do nosso simpático José António Marques. Sem eles, esta deslocação não seria possível e sem eles teríamos fiado a meio caminho. São dignos de todo o elogio. Marcou, pois, o Ginásio Clube Português mais uma etapa de glória na sua carreira tão remota e famosa!

**Fernando da Silva Ferreira**  
(Professor de educação física e monitor da classe olímpica do G. C. P.)

## A festa de homenagem à equipa do G. C. P.

No sábado, 30 de Abril, realizou-se no Ginásio Clube uma festa de gala dedicada à equipa que representou brilhantemente o G. C. P. na competição internacional de Casablanca.

O presidente Dr. Jorge Oom saudou os valerosos atletas entregando a todos medalhas comemorativas e recebeu do capitão da equipa, Carlos Gomes, a taça conquistada com o 5.º lugar obtido na memorável representação do G. C. P. no seu primeiro concurso internacional. Grandes ovacões coroaram a presença dos briosos ginastas, e o Lisboa Ginásio fez-se representar nesta homenagem aos primeiros atletas portugueses que entraram numa grande competição de ginástica no estrangeiro.

Na mesma festa foram também enaltecidos os representantes do velho clube no último sraou no Pavilhão dos Desportos, oferecida uma prenda ao professor de boxe, Luís Viegas, e entregue ao director José António Marques, como homenagem ao seu trabalho e exemplo de dedicação ao Ginásio Clube Português, uma mensagem e valiosa salva de prats, oferta dos sócios do clube.

## Manuel BARATA

Nosso colaborador — Técnico fotográfico

Participa que tomou a gerência técnica de A. R. L.

ARTES REUNIDAS, LIMITADA

Avenida Almirante Reis, 97, 1.º — Telef. 4 8296 — LISBOA

FOTOGRAFIA ↔ PUBLICIDADE ↔ CINEMA



Ao lado, da janela do Palácio Pombeiro, o encarregado dos Negócios da Itália agradece a manifestação promovida pelo Sport Lisboa e Benfica, de que damos este imponente aspecto

# A TRAGÉDIA DE SUPERGA IMPRESSIONOU PORTUGAL

VIMOS-LOS no nosso magestoso Estádio Nacional, estuantes de vigor, plênicos de energia, dispendendo generosamente a actividade em cavalheiresca luta desportiva. Eram dos mais famosos atletas do seu país, apreciados no Mundo inteiro, apontados como exemplo da perfeição de forma e de execução a que conduziu um trabalho especializado e intenso de preparação física e técnica.

Trouxeram-nos com o encantamento da sua apurada desenvoltura no terreno, a alegria de um triunfo prestigioso e significativo, porque fôra alcançado sobre uma das mais celebradas equipas continentais de futebolistas.

Cobria-os por toda a parte a sombra das asas da glória. Confiados a outras aças abalaram de retorno para a sua cidade querida, burgo vilareco e sedutor onde pertenciam ainda recordações a que anda ligado o nome dos portugueses.

Mas o destino cruel marcara-lhes a hora; numa catástrofe brutal, daquelas que machucam as almas mais fortes, perderam toda a vida, aquela vida estuante de vigor cuja imagem nos não desaparecera ainda da memória na visão dinâmica daquela cavalheiresca luta desportiva.

Os malogrados jogadores do Torino passaram da realidade para a lenda; o rápido destino fez deles heróis cujos nomes jamais se pagarão das páginas da história.

A massa desportiva portuguesa sentiu profundamente o rude golpe que feriu o desporto italiano e patenteou-o laramente.

Eram adversários admiráveis e pesados, aqueles desditosos rapazes que tinham vindo até nós num simpático ropósito e que só simpatia estima haviam conquistado; representavam uma nação irmã, a que nos ligam vários laços racionais e tomas estes factores, juntos à escolha contra o crudelíssimo dilema do destino inelucto, alcançaram a sentimentalidade lusitana, exacerbada pelo inesperado do súbito drama.

Ao luto dos seus camaradas italianos associam-se, desolados, os desportistas portugueses e, se a perda é em remédio, certamente hez dilará o coração generoso a melhor forma de agir para contribuir, no que seja viável e necessário, para lenitivo material daqueles que tenham sido vítimas indirectas da catástrofe que destruiu a fina flor do futebol latino.



Os destroços do avião que conduzia a equipa do Torino



O choque foi terrível e brutal — ninguém escapou...



Algumas pessoas conseguem acercar-se do local do desastre, vendo-se o avião completamente desfeito!



Um dos caixões é transportado para a sua última morada, ante o respeito dos assistentes

# BENFICA NAS MEIAS FINAIS



Corona numa jogada de ataque! O golpe não resultou, mas o seu empenho deve ser posto em relevo



Nos ovals, ataques do Benfica a cargo de Arsénio e Rogério. Na fotografia, Espírito Santo e Corona em frente de Fervença da Silva





# Os amadores do Uruguai

## no campeonato sul-americano tem revelado curiosa aptidão

(Especial para «Stadium», do nosso redactor Candelas Alvarez)

Uruguaios e Paraguaio, que se defrontaram no Pacaembu, são já adversários de longa data, que sempre fazem empenho por desfeitar todos os prognósticos que a crítica faz em torno do possível vencedor. No encontro disputado e pela primeira vez desde que teve início, os encontros entre os seleccionados dos dois países, os guaranis foram objecto das preferências, e isto motivado por os orientais apresentarem uma equipa totalmente de amadores — a mesma que tomou parte no Sul-Americano de Amadores disputado em Março em Santiago do Chile e no qual se sagrou vencedor o seleccionado amator brasileiro — que neste torneio havia averbado uma vitória frente aos equatorianos — já denominados como os «canarinhos» pelo seu equipamento idêntico ao do nosso Estoril Praia — e uma derrota frente ao seleccion do da Bolívia que surgiu este ano como um autêntico «tomba gigantes».

Mais uma vez e tecnicamente não foi iludida a expectativa que se formará em torno dos dois rivais. Assistimos a um encontro onde a técnica e o ardor postos na luta andaram de mãos dadas.

Os uruguaios demonstrando-nos mais uma vez de que são dignos sucessores daqueles que uma greve afastou dos campos de futebol, e os paraguaios confirmando as credenciais de que é possuidor.

A vitória conquistada pelo Uruguai foi daquelas que sómente se conseguem à força de muito brio, muita força de vontade e muita noção de responsabilidade. Eles foram de princípio ao fim uma equipa onde a par da técnica e do padrão de jogo excelente nos deram fases de verdadeiros malabaristas.

Os paraguaios foram uns dignos vencidos, vendendo bem cara a derrota. Indiscutivelmente este encontro entre os dois seleccionados em questão, foi o que mais entusiasmo despertou entre a assistência.

\*\*\*

Em S. Januário, os colombianos resolveram bater o pé aos chilenos, e de tal forma que o empate conquistado não exprime bem o que foi o encontro. Vindos de três derrotas seguidas, o seleccionado do Chile tinha toda a conveniência em bater os seus adversários, conquistando uma vitória que seria a reabilitação. Porém, os rapazes da Columbia, espicados pela derrota que o Brasil lhes havia imposto, resolveram não dar mais confiança e foi um Deus nos acuda. Antes do encontro era opinião geral de que os andinos

venceriam por margem folgada, visto os northenos não terem ainda conseguido um só golo nos desafios disputados; mas com o decorrer das operações, o que se viu foi uma equipa rematando por todas as formas e feitios, correndo desabridamente, lutando com alma invulgar, desorganizando todas as tentativas dos andinos para imporem o seu jogo. Quando o árbitro Mário Gardelli, de S. Paulo, deu por findo o encontro, o empate registado era por demais benevolente para os chilenos, pois a vitória do seleccionado Colombiano premiaria a melhor equipa.

\*\*\*

No jogo final Equador e Peru, ofereceram-nos um desafio insípido, quase sem comentários. Os «canarinhos» que disciplinarmente tão bem se vinham portando, tem agora descambado para a violência, sem necessidade. Vimos uma agressão imprópria de um jogador equatoriano a um peruano, quando este se encontrava de costas. Em qualquer parte do Mundo, era de «meter policia».

O resultado é que as simpatias que haviam conquistado e que lhe valiam fartos aplausos redundaram agora em vaias constantes. Os peruanos, fazendo alarde de de grande superioridade impuseram um «placard» que apesar de dilatado não convenceu.

O Campeonato Sul-Americano de atletismo, que ora se realiza em Lima, capital de Perú, após os dois primeiros dias de provas permite-nos já antever qual será o seu vencedor.

Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, Perú e Equador vem disputando entre si a primazia por mais um título máximo da América do Sul, com evidente vantagem para os platinos, que mais uma vez confirmam a sua superioridade.

Credenciados como os favoritos, os argentinos vem mantendo uma série de triunfos diários que lhes deram uma vantagem substancial de pontos e persistem, derrubando diatamente um recorde, seja ele nacional ou sul-americano.

Com um total de 78 pontos ao fim de dois dias de provas, o título está nas suas mãos.

Até ao presente momento a classificação é a seguinte: Campeonato masculino — 1.º Argentina, 78 pontos; 2.º Chile, 52 p.; 3.º Brasil, 40 p.; 4.º Perú, 35 p.; 5.º Uruguai, 25 p.; 6.º Equador, 2 pontos.

Campeonato Feminino — 1.º Chile, 21 pontos; 2.º Brasil, 19 p.; 3.º Argentina, 18 p.; 4.º Perú, 10 p.; 5.º Uruguai, 10 pontos.

Os resultados conseguidos e os

# COMO SE DEVE JOGAR FUTEBOL

Por WILF MANNION

UMA posição que num grupo de futebol não consente qualquer engano é a do guarda-redes; e na Grã-Bretanha do meu tempo houve dois jogadores que a preenchi com perfeição. Eram Frank Swift, do Manchester City, e Jerry Dawson, do Falkirk, anteriormente do Glasgow Rangers. Ver jogar qualquer desses incomparáveis guarda-redes era para mim sempre motivo de emoção. Não ponho nenhum deles à frente do outro em competência. Nunca consegui ver qualquer erro, dentro dos seus métodos, embora os seus estilos fossem muito diferentes.

Esses jogadores sabem a forma de tornar fácil a guarda das redes e como lançar a bola com a maior das vantagens. É essencial para um guarda-redes desfazer-se da bola e atirá-la para qualquer parte, mas sabe-se que muitos guarda-redes, embora sendo excelentes no que respeita à paragem das bolas, impedindo-as de entrar na baliza, não conseguem dar-lhes depois o destino necessário, dando seguimento ao jogo.

Não se pense que a tarefa do guarda-redes é simples. Tal como qualquer outro jogador do grupo deve estar em movimento e ter um sentido preciso da sua posição. Deve conseguir distinguir a direcção provável de qualquer pontapé antes de o jogador que detem a bola a atirar. Tanto Swift como Dawson são realmente mestres nesta parte do jogo e com uma antecipação inteligente transformam as suas árduas tarefas em coisas simples.

Mais ainda; dispõem da bola como devem dispôr. Nenhum deles a atira para uma clareira, confiando à sorte que ela vá parar a um dos seus colegas de grupo.

Frank Swift com um lançamento com a mão é capaz de atirar a bola até onde a maior parte a atiram dando-lhe pontapés, e rara é a vez em que uma das suas passagens falha. Mas formidável da sua parte é o pontapé de saída que atravessa o campo, conseguindo atingir qualquer dos avançados ou um médio-centro em boa posição.

Todo aquele que tiver ideia de vir a ser um guarda-redes de primeira classe tem de praticar com diligência a arte do mergulho, do salto, de estreitar o ângulo com a saída da baliza na altura própria, e bem assim desenvolver os músculos dos braços e das pernas de forma a conseguir aguentar o pontapé por mais violento que seja. Pode muitas vezes ser um exercício mau para um guarda-redes o socar a bola, pois que, a não ser que ele tenha uma visão excelente, a bola pode ir ter a um dos adversários que não espere senão a altura de a introduzir na baliza.

Se o guarda-redes consegue agarrar a bola, confiando na sua competência para a defender contra a opposição adversária, e aliviar depois o campo discretamente, tem resolvido o maior dos seus problemas.

Mas gostaria acentuar que acho que um guarda-redes podia ser muito mais prudente em socar a bola, fazendo-a passar sobre a barra, quando está apertado pelos adversários, do que socá-la para o terreno se não está certo que ela vá ter a um dos seus colegas. Afinal de contas um pontapé de canto não dá muitas vezes golo e um guarda-redes não se arrisca demasiado atirando-a para fora e pode arriscar-se muito atirando-a para a proximidade da baliza, sem saber para quem.

tempos das provas já disputadas são os seguintes:

100 metros planos — Geraldo Salazar (Perú), 10,7 s. e Haroldo Pereira (Brasil), 10,3 s.

100 metros, senhoras — Júlia Sanchez (Perú), 12,7 s.; Adriana Millard (Chile), 12,8 s. e Benedita Oliveira (Brasil), 12,8 s.

Lançamento de peso — Julian Lorente (Arg.), 14,432; Nadim Marrei (Bra.), 14,290 e Kannert (Arg.), 14,245.

110 metros barreiras — Alberto Triulzi (Arg.), 14,5 s.; M. Aldunate (Chile), 14,9 s. e Wilson Carneiro (Bras.), 15 s.

400 metros planos — G. Ehlers (Chile), 49,5 s.; Rosalvo Ramos (Bras.), 49,8 s. e Pociovi (Arg.), 50 s.

Lançamento do dardo para senhoras — Estrella Puente (Urug.), 37,374; Grda Martin (Chile), 37,339 e Ingeborg Preiss (Arg.), 36,550.

Salto em altura para homens — Hercules Azume (Urug.), 1,90;

Geraldo Oliveira (Bras.), e Alfredo Jadresie (Chile), 1,85.

Estafeta 4x100 — 1.º Perú, 32,3 s.; 2.º Argentina, 42,3 s.; 3.º Chile, 42,5 s. e 4.º Brasil 43,1 s.

Salto em comprimento — O último telegrama recebido diz-nos que Enrique Kistenmacher venceu a prova do salto em distância com 7,365, batendo assim o «recorde» argentino.

## O Arsenal de Londres passou em Lisboa

Passou na última segunda-feira em Lisboa, em direcção ao Brasil, a equipa do Arsenal de Londres. Esteve no Aeroporto a apresentar-lhe cumprimentos o sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa, do nosso colega «O Século».

Podemos informar que o Arsenal, no seu regresso a Londres, talvez efectue um encontro no Estádio Nacional.

## Um árbitro...

Vieira da Costa, o correcto e competente árbitro português, foi a Bordeaux arbitrar o jogo França-Holanda entre equipas B. Vieira da Costa, muito esquecido por cé, quando outros juizes de campo são chamados constantemente, às vezes dois domingos seguidos com a mesma equipa...—deu excelentes provas no Estádio Municipal da linda cidade francesa. Como esperávamos.

Não deveremos por isso esquecer a sua actuação. Para tanto basta transcrever algumas criticas ao seu trabalho. Vejamos o que diz o jornal «Republique»:

—«O trabalho do sr. Vieira da Costa, o árbitro português foi impecável, o melhor de todos produzido em Bordeaux, quer por árbitros franceses quer por estrangeiros. A sua arbitragem foi modelar e constituiu uma preciosíssima lição para os nossos árbitros».

Do jornal «Les Rouvelles»:  
«A arbitragem de Vieira da Costa foi impecável».

O «Sub-Ouest», afirma:  
«A arbitragem de Vieira da Costa (Portugal) foi absolutamente correcta».

De «L'Athlete»:  
«O interesse do encontro nunca diminuiu. M. Vieira da Costa, o árbitro português, que dirigiu o encontro, contribuiu numa grande parte para manter este interesse. Ele soube passar despercebido — e isso foi simplesmente notável. Isto é raro para um árbitro. Bravo! M. Vieira da Costa».

Depois:  
«Sinceros parabéns pela magistral maneira como Vieira da Costa dirigiu o encontro. (Mr. Courier — presidente da Liga do Sudoeste)».

Como se verifica, Vieira da Costa prestiguou-se mais uma vez. E de certo modo, felizmente, a arbitragem portuguesa.

## ...Outro árbitro

No Porto, porém, continua de pé a má impressão pela arbitragem do sr. Borges Leal, de Lisboa, na eliminação de Setúbal. Gomes de Sousa, director do F. C. P., numa entrevista concedida ao «Norte Desportivo», afirmou:

«No final do jogo, depois de ter constatado a sua actuação, em que nitidamente prejudicara a classificação do F. C. do Porto não pude deixar de lhe verberar a attitude. O golo que nos negara, visto que Figueiredo após o remate de cabeça de Diógenes com o guarda-redes inteiramente batido, defendera a bola já mesmo dentro da baliza com as mãos ao alto não deixando que ela entrasse. Toda a gente viu a jogada, inclusivamente os jogadores do Vitória que marcam um segundo de hesitação e o próprio público que soltou uma exclamação de desespero. Toda a gente viu menos o árbitro e esse não podia ver porque não queria. Afirmei-lhe que estivesse possejado que o meu clube não protestava o jogo, mas que deixava ao sr. Borges Leal o remorso de eliminar um grupo que deveria ir mais longe. E que afinal modificara por completo a minha opinião sobre ele. Recordei-lhe o caso de Gulmarães e que afinal pelo que fizera se via que ele fingia não ver sempre que interessava...»

# Stadium na capital do Norte

## FERNANDO MOREIRA gigante da estrada

**T**ALVEZ se tivesse ligado pouca importância ao caso. Fernando Jorge Moreira, o popular esquadista do F. C. do Porto, quando partiu para Marrocos, de avião, levava apenas a sua bicicleta, fabricada no estabelecimento industrial de que é proprietário, e sabia que ia enfrentar adversários de alta categoria: Rabic, vencedor da «Volta a França» de 1947; Nery, campeão da França em estrada; Beyaert, campeão olímpico; Brulé, Dolhats, Caffi — franceses; belgas do valor de Blomme, vencedor da «Volta» ao seu país; Brambila, 2.º classificado da «Volta a França» e «Volta a Espanha»; Luis Longo, Custódio dos Reis, Polhé, Driss, Berrendero, já nossos conhecidos, mas sempre bons adversários, e de mais a mais correndo em estradas amigas.

Fernando Moreira, porém, é rapaz de ânimo forte. Auténtico campeão, viu desistir o famoso Rabic, Longo e mais de 20 corredores de grande categoria. Viu anular a tirada do Atlas, monte de extraordinária altura, batido nesse dia pela neve e pelo temporal. Perdeu 13 minutos numa etapa, por se lhe ter partido um pedal, quando estava a 1 minuto e 18 segundos do «camisola amarela». Mas o grande corredor do F. C. do Porto, sozinho, perdido num ambiente para ele desconhecido — andou sempre, como grande atleta que é. Honrando o clube a que sempre pertenceu, desde novato — honrando Portugal.

Esquecido por cá? No Porto, pelo menos, isso não acontece. O F. C. do Porto tem-lhe telegrafado, animando-o. E, entretanto, para que não sejam só nossas as saudações para Fernando Moreira, vamos dar a palavra a jornalistas estrangeiros. Da «Vigie Marocaine», que organizou a «Volta», recordamos as seguintes impressões:

«De repente parte-se um pedal e Moreira teve que inclinar-se, a morte na alma e ver passar os seus camaradas entre os quais Brulé, a quem ele sonhava arrebaratar a «camisola amarela». O infeliz Moreira, com o seu sonho por terra, esperava o camião-oficina. Aquele a quem chamámos sempre «a grande ameaça da Volta» perdeu treze minutos e com eles o seu sonho de ser o vencedor final, num acidente que todos os verdadeiros desportistas deploram.»

Continua o jornalista francês:  
«Uma estrada longa e sinuosa. Na berma, um corredor está sentado. Chora. O português Moreira que a 50 quilómetros de Fez podia prever ganhar a Volta, eslava ali, os olhos vermelhos, o rosto coberto de lama. Outros teriam gritado, ameaçado, diante de uma infelicidade tão grande. Porque, depois de ter vencido a montanha, de estar a um minuto e pouco do «leader», de ver triunfar, talvez naquela etapa, o seu sonho, de ter recebido a chuva, a neve e o frio durante toda a Volta, de ter vencido o vento, de pé em cima da máquina, muitas vezes, para apanhar o pelotão da frente, Moreira vê-se ali, impolente, limpando docemente a cara, afastando as lágrimas que lhe enevoavam os olhos. Do segundo passou a quinto, de um minuto de atraso passou a calorze. É uma história bem triste.»

Do «Maroc Quotidien»:  
«O triunfo nesta etapa e a «camisola amarela» estam a disposição de Moreira.»

Um bravo para Fernando Moreira! Não pôde fazer melhor, porque se viu só e perseguido pelo azar. O ciclismo português, no entanto, esteve representado com muita galhardia por este rapaz cheio de mocidade, correcto e verdadeiro campeão. A Revista «Stadium» — saúda-o!

## CURIOSIDADES...

Em diversos meios, mesmo lisboetas, achou-se que o F. C. do Porto tinha tanta razão, depois do jogo de Setúbal, que se julgou ter o campeão nortenho apresentado um protesto...

Ficou também a saber-se que as grandes penalidades «podem não entrar». Por isso — não se marcam...

«Há árbitros com muita «popularidade» nesta cidade. A lista vai engrossando.

«Araújo, segundo a opinião de um especialista, não sofre de qualquer doença dos rins. Ele próprio considerava-se fisicamente forte.

«Muitos desportistas desejam ser directores do F. C. do Porto. No entanto, os associados da popular colectividade, ainda se não decidiram. Lá sabem porquê...

«Continúa a pensar-se numa deslocação do F. C. do Porto a Luanda e Lourenço Marques. As

## O brasileiro SILVA e o F. C. do Porto

Silva, que durante largo tempo foi discutidíssimo, encontra-se de novo no Brasil. De lá escreveu ao Futebol Clube do Porto — para saber da sua situação. Pergunta natural.

O jogador Silva, na síntese da sua carta, diz o seguinte: — que está à disposição do F. C. do Porto, como jogador: — que, no caso dos campeonatos nortenhos se desinteressasse da sua colaboração, se propõe negociar a «carta de transferência».

O que pensa, entretanto, o F. C. do Porto? Chamar Silva? Negociar a carta?

O dirigente que nos comunicou esta informação, disse-nos o seguinte:

— Silva, interessa e não interessa, presentemente. A nova direcção fará o que entender. Em minha opinião, porém, optaria pela cedência da carta, para que possa jogar onde quiser. Assim, o caso Silva ficaria arrumado. Sem isso, é evidente, o F. C. do Porto defenderá os seus interesses.

«Eis o que de momento pode afirmar-se acerca de Silva. Se quiser actuar no Brasil, ou noutro qualquer país, deve negociar a carta. O clube português não lho impede — antes pelo contrário. Talvez o deseje, a fim de olhar por outros compromissos.

De resto, Silva talvez não tenha sido um «mau negócio». Não se adoptou ao meio português, ou melhor dizendo, ao «meio português». Mais porque não quis. Disso não teve culpas o F. C. do Porto, sempre disposto a transigir, o mais possível disposto a contribuir para compôr a equipa.

Gastou muito? Gastou pouco? Por ora, gastou alguma coisa. Mas os jogadores que possui, Silva incluído, continuam a ser penhor da importância gasta...

condições propostas pelo clube portuense facilitam a visita às nossas colónias.

«Caso se faça a viagem, o F. C. do Porto procurará jogar também na cidade de Johannesburgo.

«Fandinho irá para ou à sua terra». Talvez os seus detractores deem depois pela sua ausência...

«Silva escreveu do Brasil. Diz que está à disposição do F. C. do Porto.



A equipa do Belenenses



A equipa do F. C. Porto



o Porto marcou um livre

**CAMPEONATO NACIONAL DE ANDEBOL**  
★  
**UMA VITÓRIA DO BELENENSES**



A defesa belenense opõe-se a um remate do Porto

**A VISITA DOS VELEJADORES DE LISBOA A FARO**



O Casino, instalado na ilha de Faro, no dia das regatas em Lisboa e algarvios

Um curioso aspecto das regatas em frente à ilha de Faro



**A** Federação Portuguesa de Vela dispõe-se a divulgar a sua modalidade desportiva nos centros náuticos de todo o País. Começou, na semana passada, por enviar ao Algarve uma representação de Lisboa — da Associação Desportiva da Brigada Naval — a qual competiu com os melhores velejadores do Ginásio Clube Naval de Faro, S. L. Faro, M. P. de Portimão e Tavira e Ginásio Clube de Tavira. Ao todo — concorrentes de Lisboa e do Algarve — 24 embarcações.

(Continua na pág. 15)

**Os 500 metros no Rio**



A Associação de Natação de Lisboa fez disputar a primeira prova desta época no rio Tejo — 500 metros ao longo de Algés. Em cima — o grupo dos concorrentes. À esquerda: João Franco do Vale o vencedor.



A prova teve a presença de duas nadadoras, Odete Nobre, do Estoril Praia, e Maria Luísa Malheiro, do Algés, esta

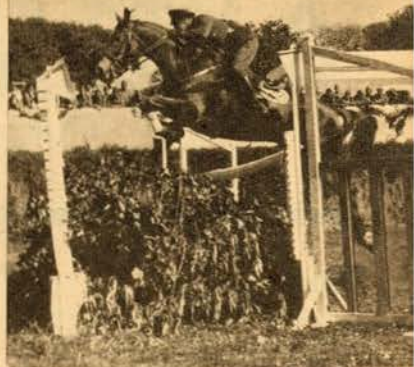
# O CONCURSO HIPICO DE MAFRA



Guedes de Campos, na «Mondina», 2.º no «Grande Premio».



Henrique Calado, no «Favorito», vencedor de uma das séries da «Omniium»



O vencedor do «Grande Prémio», Relvão Guerra no «Congo», transpondo o «Oxer».



Alberto Miravent e o «Squalus» vencedores da prova Direcção dos Serviços Florestais



1 — Elisa Eugénia Gomes do C. A. T. 50, vencedora individual de pingue-pongue sem uma única derrota. 2 — A equipa de pingue-pongue do C. A. T. 50 vencedora do torneio distri-



tal. 3 — As representantes da Carris no campeonato de pingue-pongue: Maria Lourdes Oliveira, Maria Odete Gracio e Maria Lourdes Moura, 4 — A equipa da casa Carrasqueiro e Teixeira vencedora do campeonato distrital



## DESPORTO CORPORATIVO



## CAMPEÕES DE CICLISMO

Em Lisboa e Porto estão apurados os campeões regionais de ciclismo. 1 — A chegada da prova de amadores-seniores. Fortunato Pereira (Lisgás) chega primeiro às Salestras. Em segundo Albano Coelho (campo de Ourique). 2 — Honorato Ramires (Benfica) vencedor em juniores. No Porto 3 — Moreira de Sá, do F. C. Porto, campeão regional de fundo. 4 — Amandio Almeida, do F. C. P., campeão de amadores-seniores. 5 — Manuel Dias de Sousa, do Salgueiros, campeão de velocidade. 6 — Manuel Trigueiro, do Académico, campeão de amadores-juniores.



# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO fora

## Futebol

O Portsmouth F. C. ganhou o campeonato de Inglaterra para a época de 1949-50, com marcada vantagem pontual sobre o Newcastle, segundo classificado.

Embora os «pompey», conforme são alcunhados, tenham triunfado várias vezes na disputa da Taça, nomeadamente em 1939, (4-1 contra os Wolves) e chegado à final, como em 1934 (batidos por Manchester City, 2-1), é a primeira vez que conquistam o primeiro posto no Campeonato da Liga.

A luta para a descida à 2.ª Divisão apresenta-se muito acesa, entre o Everton, Sheffield United, Prerton Middles e Huddersfield, mas o último e o antepenúltimo parecem os prováveis sacrificados.

♦ A final da Taça da Suíça coube, desta vez, ao Servette que derrotou por 3-0 os Grasshoppers — verdadeiros assambarcadores que já ganharam sete vezes a prova.

♦ A equipa nacional francesa jogou contra a Escócia, em Hampden Park, Glasgow, sendo derrotada por 2-0. Os franceses reabilitaram-se um pouco da páida exibição em frente da Holanda. Na primeira parte, o guarda-redes, Vignal salvou as suas redes e só consentiu um tento e na segunda metade do desafio Cowan imitou-o com excelentes paradas a tiros à queima-roupa.

A assistência computou-se em 130.000 espectadores.

♦ A França perdeu com a Holanda por 4-1, em Rotterdam, depois de um «match» — no dizer de Jacques de Ruyssch — em que todos os componentes se mostraram fatigados e sem ânimo. Dos vencedores distinguiram-se Wilkes, avançado-centro que foi o melhor homem em campo e Timmermans, futebolista de futuro.

♦ Em França, o Lille está em condições de ganhar uma dupla vitória: a Taça e o Campeonato da Liga. O Reims só dispõe de um ponto de vantagem, tendo sido vencido por Rennes (0-1), que por sua vez — e com Marseille — poderia desempenhar o papel de aproveitador inesperado, dada a sua pontuação.

♦ Em Dublin, Irlanda, a equipa da Liga Inglesa profissional bateu a sua congénere irlandesa por 5-0. Roy Bentley, do Chelsea, meteu dois tentos.

♦ O Real Madrid, bateu o Milão F. C. por 1-0 no campo de Chamartin. Brevemente jogará contra os clubes ingleses Fulham e Wolverhampton Wanderers vencedor da Taça.

## Ténis

Principais resultados da primeira eliminatória da Taça Davis: França derrotou o Luxemburgo; a África do Sul venceu a Holanda; Dinamarca ganhou a Israel; Checoslováquia bateu Mónaco e a Grã-Bretanha derrotou Portugal.

♦ O campeonato da Califórnia foi conquistado por Gonzalez, batendo Bob Falkenburg por 7/5, 6/3.

♦ Os campeonatos britânicos de terra batida, couberam a Pedro Massip, que venceu Cochet, por 6/3, 4/6, 6/2, 9/7.

## NOTA DA SEMANA

O estudante Philip Mickman, residente no condado de York, em Inglaterra, onde as suas dezoito primaveras juvenis desabrocham como uma flor ao sol, propõe-se repetir a tentativa de cruzar o estreito de Dover, nadando da costa inglesa até ao continente europeu.

No verão passado, este robusto e audacioso rapaz permaneceu doze horas consecutivas melido no elemento líquido, lutando contra as correntes irresistíveis que o impediram de levar a bom termo a experiência, mas está convencido de triunfar próxima mente e, para tanto, submetta-se a rigorosa preparação técnica, sob a vigilância do veterano nadador E. H. Temme, um dos raros bipsdes humanos que saíram nitoriosos em idêntica proeza.

Enquanto o jovem Philip submetia o organismo às duras penas de uma imersão prolongada, cruzando em sentidos opostos o comprimento da piscina de Hampstead Baths para avaliar a sua resistência física, outro cidadão britânico punha à prova, também, o que lhe resta de vigor, marchando de Londres até Slough, localidade do condado de Buckingham, situada a 32 quilómetros de distância.

Trata-se de Charles Hart, veterano andarilho com 84 invernos, que em tempos adquiriu fama por derrolar um cavalo de corridas numa prova com seis dias de duração. Agora, cansado no momento de concluir a sua obra, gastou sete horas e trinta e dois minutos mas chegou ufano de si-mesmo, como se tão grande e demorado esforço pudesse trazer-lhe certificado de longevidade remocada.

O prazer das grandes caminhadas, nesta época dos aviões ultrassónicos, parece um anacronismo mas constitui, afinal, uma lição de protesto contra o desprezo do homem pela máquina maravilhosa que a Natureza lhe propinou. Em Junho de 1946, o mais acobado marchador da nossa época, P. J. Reading, do clube Polytechnic Harriers, andou, sem parar, 208 245 km. durante 24 horas consecutivas e, em 1908, outro sás da locomoção pedestre, T. E. Hammond, estabeleceu o recorde mundial, palmilhando no mesmo prazo, mas com descansos intermédios, 211.309 km., ambas as proezas devidamente vigiadas e levadas a cabo no estádio londrino de White City.

Afigura-se-nos merecedoras de aplauso, mas não de incitamento, tanto a ambiciosa querença do jovem Mickman como a teimosia evocativa do velho Hart. Afinal, como diz o vulgo, os dois ramos da trajetória da vida, na origem e no ocaso, parecem-se como irmãos siameses. A ingenuidade repete-se, evidentemente, mas enquanto que os esforços excepcionais, aplicados num organismo ainda senhor de recursos podem ser compensados, no outro terço, por ventura, o efeito de abreviar o termo da existência.

As vantagens reais do exercício físico não são, como se imagina, estabelecimento de recordes dignos de pasmo mas a actividade dos órgãos e dos músculos, dentro de limites bem definidos, o aperfeiçoamento da dextreza natural, da confiança nos meios de cada um e a criação da auto-disciplina, tão necessária nos outros actos da vida.

Eis o motivo que nos leva a registar aqui a nossa discordância — que não exclui a nossa admiração — pelas proezas do valentão marchador e do jovem aspirante a proezas aquáticas

**D**EPOIS de onze anos consecutivos sem festejar um único êxito internacional fora de casa, a equipa de futebol da Bélgica pôs cõbro a essa série de insucessos totais e parciais — doze derrotas e seis empates — batendo a Irlanda, em Dublin, por 2-0.

Durante muitos anos os belgas foram considerados, a justo título, um dos mais fortes países do Continente e tão expressivos malogros, desde 15 de Maio de 1938, quando a Itália derrotou os jogadores de Alêm-Quievan por 6-1, podiam ser considerados desastros nacionais irremediáveis — o que não sucedeu — abalando o prestígio de seu futebol.

Citamos isto para o leitor se recordar, quando a equipa lusitana actuando extra-muros não consiga arrancar o triunfo.

Rafael Barradas

## Boxe

Principais resultados na América: Em Los Angeles, o campeão mundial de elevísimos, Manuel Ortiz, derrotou o mexicano Lauro Salas em dez assaltos, por pontos. No mês de Setembro do ano transacto, Salas havia triunfado de igual maneira e em ambas as ocasiões o título não estava em causa.

O peso «semi-pesado», Archie Moore, veterano de raça negra de reconhecida classe, ganhou a um irmão de cor, Harold Johnson, por pontos, em dez «rounds», em Filadélfia.

Tony Zale anunciou que abandona a actividade para sempre, renunciando ao combate-desforra contra Marcel Cerdan.

Na Europa, em Roma, o científico Egisto Peyre derrotou o francês Vercoiler por K-O ao 2.º assalto e Luigi Valentini derrotou Lombard, por pontos.

Em Barcelona, o campeão de Espanha, António Soldevilla, da categoria «médios», venceu o francês Royer-Crécy, por desistência ao 8.º assalto, depois de um equilibrado combate.

Em Helsinquia, o peso-leve Pitulainen, venceu o francês Dery, por desistência ao 6.º assalto.

♦ Em Cleveland, Estados Unidos, o ex-campeão de França, Robert Villemain ganhou por pontos a Ruben Jones, sendo esta a sua primeira vitória em território americano.

♦ Em Melbourne (Austrália) o peso semi-médio australiano Norman Gent triunfou por pontos sobre o francês Pierre Langlois.

## Atletismo

O Campeonato da Holanda de corta-mato disputou-se em Hattum num percurso de 10 quilómetros. Em primeiro lugar, no tempo de 35 m. 36,2 s. chegou o reputado corredor Wim Sljckhuis, apenas com seis décimos de segundo de vantagem sobre Sleji, segundo classificado.

♦ O corta-mato inter-alado que se realizou em Haia, na Holanda, e no qual participaram apenas cinco países, concluiu com a vitória da França, seguida da Bélgica, Dinamarca, Holanda e Luxemburgo. Os franceses enviaram uma equipa constituída por norte-africanos, que ocuparam os cinco primeiros postos da classificação final.

♦ A clássica maratona de Baston foi ganha pelo sueco Leander, no tempo de 2 h. 31 m. e 50 segundos.

O coreano Yung Bok Suh, vencedor habitual, não alinhou à partida.

## Beni Levi fracassou na sua tentativa corajosa de derrotar G. Martins

**D**EPOIS de vários meses de marasmo voltou a haver boxe em Lisboa, com o espectáculo realizado no Coliseu dos Recreios, quinta-feira última.

O combate principal do programa travou-se entre Beni-Levi e Guilherme Martins, constituído uma facó-ga à priori, porquanto o jogador moçambicano se preparou física e mentalmente na esperança de ganhar esta desforça, mas se a batalha foi dura nunca pendeu para o bravo e popular pugilista colonial.

Martins, embora carnudo em excesso e pouco ágil, encaixou todos os socos violentos de Levi — que não foram poucos nem mal colocados — ripostou com firmeza e ganhou por pontos num duelo sem espectacularidade, carecendo de situações culminantes, mas duro.

O combate valeu mais que pareceu. Levi executou um trabalho superior aquilo que geralmente lhe vimos fazer, tanto na variedade e concepção das jogadas como no esforço cerebral para impor o rumo que lhe convinha, que era o do K-O do adversário. Tocado no canto do olho direito, a sensação de sentir-se ferido preo-ripou-o e este sentimento conjugado com a falta de fôlego, facilitou a vitória de Guilherme, sem spelo nem agravo.

Levi teve vantagem no sexto assalto e no terceiro igualou a pontuação. Nos restantes, especialmente os três últimos, a supremacia de Martins foi bastante nítida e acabou sem dificuldade o duelo pugilístico, com jús ao triunfo que o árbitro lhe conferiu.

Vencido e vencedor ressentiram-se da longa ausência, forçada, de actividade no ringue — como não podia deixar de ser.

O pugilismo requiere continuidade, persistência, aplicação. Ora como tudo se tem conjugado para embarcar o desenvolvimento normal do boxe, compreende-se o abalçamento de forma dos praticantes actuais.

O segundo combate da noite, se-

gundo em importância já se vê, disputaram-no Valente Rocha e Rocha II, em oito assaltos.

O primeiro nomeado depois de uma sensível vantagem ponderal que desde os primeiros momentos pesou no desenrolar do prélio.

Além disso, a variedade da sua sgrima, mais subtil e mais cerebral que a agressividade mecânica e estereotipada do campeão de semi-leves, impôs-se a cada passo e Rocha II saiu do ringue, bastante castigado no rosto.

São sempre contrários à ética pugilística os desfechos ponderais scen-tuados e podem proporcionar lesões físicas importantes.

As pugnas de abertura e de fecho, aquela entre o maciço Cruz Passos e Júlio Martins, esta entre Alfredo de Oliveira — substituído em recurso o nome do cartaz — e David Ferreira, não nos satisfazem.

Cruz Passos é a antítese do verdadeiro jogador de boxe. É pena. Possui suficiente robustez para praticar a modalidade, mas todos os seus gestos são contraídos e desorganizados. O árbitro, depois de seis assaltos, concedeu a vitória a Martins, por pontos, mas não havia que escolher entre os dois rapazes e o empate estaria certo.

Quanto ao último desafio, Oliveira batalhou três assaltos em grande estilo — mas não belo — e depois, cedeu-se perdendo por k-o ao 4.º round.

Não queremos terminar sem aplauso pela tentativa do empresário, numa época árdua e inglória para ressurgimento do pugilismo. A ideia de constituir o programa, colocando os combates principais a meio do mesmo foi feliz e útil.

Aguardamos com verdadeiro interesse o prosseguimento do esforço inicial, pois será o único processo de promover o renascimento do boxe em Lisboa.

R. B.

## Hoquei em patins

(Continuação da pág. 5)

Estes encontros Norte-Sul (su-cedâneos lógicos do primitivo Porto-Lisboa) datam de 1945 (Agosto e Setembro) — mas foram interrompidos no ano seguinte, voltando-se, porém, ao restamento das relações em 1947; e até agora para uma sequência eficaz e valoritativa da expansão do hóquei, não mais houve descanso... Eis a sua história:

1.º — Em Santo Amaro de Oeiras (18 de Agosto de 1945) com arbitragem de João Melo (Lisboa) e vitória do Sul por 7-4 (1.ª parte: 5-3). Alinharam e marcaram: Norte: — Oliveira, A. Soares (1) Ribeiro (1), Veloso (1) e Lima; Sul: — Pedrosa, Raio, Sidónio, Olivério (4), Jesus Correia (2) e Correia dos Santos (1).

2.º — No Porto (Palácio de Cristal) em 15 de Setembro de 1945 com arbitragem de Virgílio Pereira (Espinho) e vitória do Norte por 6-5 (1.ª parte: 2-3). Alinharam e marcaram: Norte: — Oliveira, A. Soares, M. Soares (1), Veloso (1) e Lima (4); Lisboa: — Cipriano, Bernardino (1), Sidónio (1), Olivério (1), Correia dos Santos (1) e Velez (1).

3.º — No Porto (26 de Julho de 1947) com arbitragem de Martins Correia (Lisboa) e vitória do Sul por 6-1 (1.ª parte: 4-1). Alinharam e marcaram: Norte: — Coelho de Almeida, Correia de Brito, M. Soares (1), Ribeiro, Figueiredo e Santiago; Sul: — Cipriano, Lopes (1), Gomes, Olivério (1), Jesus Correia (3) e Correia dos Santos (2).

4.º — Em Lisboa (Pavilhão dos Desportos) a 8 de Novembro de 1947 com arbitragem de António Veloso (Porto) e vitória do Sul por 4-2 (1.ª parte: 2-1). Alinharam e marcaram: Norte: — Gomes da

Costa, Brito, Soares, Figueiredo (1), Ribeiro (1) e Fernandes; Sul: — Cipriano, Raio, Sidónio, Olivério (4), Velez e Lopes.

5.º — Em Lisboa (6 de Março de 1948) com arbitragem de Romão Santos (Porto) e empate por 3-3 (1.ª parte: 1-1). Alinharam e marcaram: Norte: — Ramalho, Brito, Soares (1), Ribeiro (2), Figueiredo e Fernandes; Sul: — Emídio, Raio, Sidónio, Olivério (1), Jesus Correia e Correia dos Santos (2).

6.º — No Porto (8 de Maio de 1948) com arbitragem de Frederico Peyssonaud (Lisboa) e vitória do Sul por 3-2 (1.ª parte: 2-2). Alinharam e marcaram: Norte: — Ramalho, Brito, Soares (1), Ribeiro, Figueiredo (1) e Polónia; Sul: — Emídio, Raio, Sidónio (1), Olivério (1), Correia dos Santos (1) e Joaquim Miguel.

7.º — No Porto (3 de Abril de 1949) com arbitragem de Frederico Peyssonaud (Lisboa) e vitória do Sul por 3-2 (1.ª parte: 3-3). Alinharam e marcaram: Norte: — Gomes da Costa, Brito, Soares, Ribeiro, Figueiredo (1) e Santiago (1); Sul: — Emídio, Raio, Edgar, Correia dos Santos (2), Velez (1) e J. Miguel.

Acabado o jogo, o seleccionador nacional, José Prezeres, forneceu a lista dos jogadores que hão-de representar o País nos próximos campeonatos da Europa e do Mundo, a disputa no Pavilhão dos Desportos de 28 de Maio a 4 de Junho. São eles: Emídio Pinte, António Raio, Sidónio Serpa, Jesus Correia, Correia dos Santos, Olivério Serpa, António Martins, António Henriques, Manuel Soares, Fernando Figueiredo, Vasco Velez e Edgar Bragança.

Jorge Monteiro

## A visita dos velejadores de Lisboa a Faro

(Continuação da pág. 12)

O maior número de vitórias pertenceu, claro está, aos representantes da capital, melhores velejadores e mais treinados. Os algarvios, porém, não fizeram má figura, pois nas três regatas disputadas apenas se deixaram bater por todos os concorrentes de Lisboa nos « harpias » de 9m2. Ganharam em « evougas » e alcançaram posições intermediárias nos amispes.

Ora, não vimos aqui para falar nos pormenores daquelas regatas. Vimos sim para lembrar o êxito dessas provas, integradas nas comemorações centenárias da cidade de Faro, e, ao mesmo tempo animar os dirigentes da vela nacional a prosseguir no seu louvável propósito de procurar a valorização da modalidade em todos os centros náuticos do País.

Assim como Faro oferece as melhores condições para regatas de vela, outros locais apresentam as mesmas vantagens.

A ria de Faro, porém, encontra-se excelentemente localizada. Banha uma das mais curiosas praias de Portugal na ilha de Faro.

Esta ilha, onde se instalou o Casino, propriedade do Ginásio Clube Naval, possui a particular curiosidade de ter num lado as águas suaves da ria, onde se disputam as provas de vela, e no outro o Oceano Atlântico. Uma praia para os dois gostos — a emoção e a movidade. Nele estão armadas barcas, género daquelas da Cova do Vapor, onde habitam, geralmente no verão, amigos do ar, do sol e do mar que se deslocam da cidade à ilha de Faro em curtas viagens pelo rio, de cerca de três quartos de hora.

E' aqui e em Albufeira, Portimão, Tavira e Monte Gordo, que os algarvios dispõem a sua actividade náutica.

Como eles, noutros pontos do País, a vela nacional progresa-se sem contacto com os melhores valores da náutica do seu próprio País.

A ideia da Federação em chamar a Lisboa ou fazer deslocar a essas localidades velejadores da capital — é da melhor política para o desenvolvimento da modalidade. Merece o nosso apoio e o nosso aplauso.

Henrique Parreira

## ARCADIA O DANCING N.º 1

— DA CAPITAL —

### Orquestra Fon-Fon

num grandioso programa com **JOSEFINA MARIA** em bailes à guitarra acompanhados por *Manolo Navarro, Carmelita de Cardoba, Mary-Mely, Dorita de Triana, Hermanas Desdier, Emilia Gomez e Mavel Valencia*

ORQUESTRA **ARCADIA** com a vocalista norte-americana **DAINA**

Ainda esta semana, estreia da atracção

**BALLET COPPELYA e sus Muchachas**

Abertura às 22 — Variedades às 0,15 e 2,15 horas

## A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C — Telef. 30078

LISBOA

# PORTO DESPORTIVO



Porto-Braga.— Joaquim, médio do Porto, força o ataque às bellas bracareneses



Sport Clube do Porto.— A flotilha do clube desfila em frente da vedeta «Donrada», cuja presença significa uma bela homenagem à actividade do grande clube portuense



A Comissão que promove a Tarde Desportiva. Da esquerda para a direita: Joaquim Cardoso (Letras), Fernando de Oliveira (Direito), Francisco Soares (Medicina), José Brás (Ciências) e Melo da Silva (Farmácia)



Fernando Moreira, o grande ciclista portuense, 3.º na «Montanhas» e 5.º na classificação geral da Volta a Marrocos, foi convidado para participar na «Volta a França». Um extraordinário ciclista!



Vieira da Costa, em Bordeus, honrou a arbitragem portuguesa de futebol!



LUCAS (Suaneco)



## O 3.º Jogo Internacional da época

Temos no domingo mais um desafio internacional de futebol. Apesar do ambiente não ser tão entusiasmado, antes de expectativa, trata-se de uma partida com o País de Gales e esta assume o mais alto significado. Após a derrota com a Itália, e o empate com a Espanha (esquecendo Riazor), o Grupo Nacional apresenta-se pela terceira vez nesta época, e agora novamente no ambiente magnífico e carinhoso do Jambor em que tudo cheira a Portugal...

Podíamos presumir de muito entendidos e dizer que a Seleção adversária é isto ou aquilo, e deve fazer ou «trinta por uma linha ou simplesmente entregar-se. A verdade, simples e concisa, é de que temos poucas notícias do País de Gales e dos seus jogadores que, pela primeira vez, nos visitam. Acrescentamos que deve tratar-se de um Onze que sabe fazer futebol. E a nossa afirmação reside na circunstância desse país disputar época-época um Torneio com a Inglaterra, Escócia e Irlanda, não fazendo figura desastrosa.

Na Inglaterra praticase o melhor futebol do Mundo, e é perfeitamente natural que as terras que lhe ficam em redor recebam alguma coisa do seu influxo e da sua classe. A jogar com os mestres — disse muita vez — aprende-se e ganha-se alguma coisa. Ora, o País de Gales está em permanente e estreito contacto com os ingleses e escoceses, isto é, os mestres do futebol-associação.

A equipa que o País de Gales nos envia é formada pelos seus melhores representantes:

Billy Hughes, guarda-redes conhecido pelo cognome de «Gato»; Alf Sherwood, um dos mais finos jogadores britânicos; Ray Lambert, defesa suplente, que se distingue pela facilidade do pontapé; Ronnie Burgess, muitas vezes internacional, mestre no jogo defensivo e poderoso no ataque; Roy Paul, homem de grande domínio de bola, e médio que liga excelentemente com o ataque; Ivor Powell, médio-direito de

renome; Tommy Jones, a chave da defesa; Harold Williams, extremo-direito extraordinário e rapidíssimo; Melwyn Griffiths, jogador inteligente, veloz e de grande remate; George Lowrie, interior, activo, e de remate estupendo; Trevor Ford, avançado-centro que tem fama de não desperdiçar uma oportunidade; Billy Lucas, interior esquerdo, verdadeiro tático; Billy Rees, avançado de prodigiosa actividade; George Edwards, extremo-esquerdo hábil e rematador de categoria. E este lote esplêndido de jogadores, actuando em clubes profissionais famosos da Grã-Bretanha, como nos visita.

Nem por serem desconhecidos deixam estes jogadores de atrair a curiosidade. Como se comportará o Onze português? Em boa verdade — pouco se pode dizer. Mas agora, as exhibições dos portugueses no presente época deixaram muito a desejar. Mas há muita gente que está convencido, e incluímo-nos nesse grupo, que a Seleção nacional tem capacidade para ir mais além... A exhibição do Benfica contra o Torino, por exemplo, prova e diz alguma coisa.

O onze já está formado, anunciando-se como efectivos: Barrigana, Virgílio, Félix e Serafim, Canário e Francisco Ferreira, Armando Ferreira, Vasques, Patolino, Travaços e Rogério. Mentiríamos, e somos incapazes de o fazer, se dissemos a nossa inteira concordância à linha, que é um produto mais de comodismo que de boa visão. Em nossa modesta opinião — todos os sectores estão errados. Mas aceitamos a Seleção convencidos de que ela representa a realidade, serena e ponderada, do seleccionador e oxalá que a realidade nos dê uma intensa alegria. Foi anunciado um estágio no meio da semana passada, que tem decorrido de forma irregular. O certo, porém, é que a equipa tem moral e parvo capaz de nos congrapar. Além de ganharmos, é preciso mostrar que sabemos jogar. Esperamos confiadamente que tal aconteça. — T. da S.



## O XI ANIVERSÁRIO do G. D. da G. U. F.

O Desportivo da Cuf do Barreiro comemorou o seu XI aniversário com a inauguração das suas instalações desportivas. O acontecimento serviu para se levar a efeito uma série de provas desportivas, demonstrando a magnífica actividade do clube.

1 — A entrega de medalhas comemorativas aos grupos infantis do Belenenses e da Cuf.

2 — A tripulação de remo de 4, que tanto se tem distinguido; 3 — A equipa de atletismo vencedora da estafeta 300 x 200 x 100 formada por Pires, Virgílio e Camões; 4 — A equipa vencedora da prova de 3.000 metros (Pires de Almeida foi o vencedor em 9' e 51''); 5 — Outra boa equipa de remo: a tripulação de 8.

